



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CENTRO DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

CURSO DE HISTÓRIA

ALLANN BRUNO DA SILVA SOUZA

**ESPAÇOS DE CONFLITO?: A INSERÇÃO DO PROTESTANTISMO
CONGREGACIONAL EM AREIA (1924-1973)**

**CAMPINA GRANDE – PARAÍBA
2014**

ALLANN BRUNO DA SILVA SOUZA

**ESPAÇOS DE CONFLITO?: A INSERÇÃO DO PROTESTANTISMO
CONGREGACIONAL EM AREIA (1924-1973)**

Trabalho Acadêmico Orientado
apresentado à Universidade Estadual
da Paraíba – UEPB, para
encerramento do componente
curricular e conclusão da graduação
em História.

Linha de Pesquisa: 4 – Crenças e Manifestações Religiosas.

Orientador: Me. Daniel Ely Silva Barbosa

**Campina Grande – Paraíba
2014**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL - UEPB

729 Souza, Allann Bruno da Silva

Espaços de Conflito? [manuscrito] : a inserção do
protestantismo congregacional em Areia (1924-1973) / Allann
Bruno da Silva Souza. – 2014.

66 p. : Il. Color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) –
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.

“Orientação: Prof. Me. Daniel Ely Silva Barbosa, Departamento
de História”.

1. Religião 2. Protestantismo 3. Historicidade I Título.

21. ed. CDD 306.6

ALLANN BRUNO DA SILVA SOUZA

ESPAÇOS DE CONFLITO?: A INSERÇÃO DO PROTESTANTISMO
CONGREGACIONAL EM AREIA (1924-1973)

Trabalho Acadêmico Orientado
apresentado à Universidade Estadual
da Paraíba – UEPB, para
encerramento do componente
curricular e conclusão da graduação
em história.

Aprovado em: 25 de Fevereiro de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Daniel Ely Silva Barbosa Nota 9,5
Drando. Daniel Ely Silva Barbosa UEPB/DH
Orientador

Patrícia Cristina de Aragão Araújo Nota 9,5
Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo UEPB/DH
Examinador(a)

Iranilson Buriti de Oliveira Nota 9,5
Dr. Iranilson Buriti de Oliveira PPGH/UFPG
Examinador

**Ao Deus eterno imortal, invisível, mas real,
ao único que pode entender nossas feridas,
pois deus nenhum tem ferimentos como ele.**

AGRADECIMENTOS

A DEUS que me concedeu a oportunidade de percorrer as trilhas universitárias e chegar ao fim de mais uma etapa, de tantas outras da minha vida. Soli Deo gloria!!!

A toda minha família. Obrigado, vocês são a família que Deus me deu.

À Igreja Congregacional, em especial ao reverendo Gilson Soares, que me aturou por alguns anos.

Minha gratidão ao Pastor Joseilson e sua família pelo apoio atual. Vocês são bênçãos de Deus em minha vida, bem como a Igreja Presbiteriana do Brasil em Areia. Foi nos espaços da Igreja Congregacional e Presbiteriana que desenvolvi minhas concepções de mundo. Hoje sou mais crítico e bem mais instruído por ter freqüentado, e por freqüentar, esses espaços. Neles ouvi falar de Deus, ao mesmo tempo em que O conheci. Jamais me esquecerei dos debates e das discussões que tive nas Escolas Bíblicas Dominicais, eles foram salutares para o meu crescimento espiritual e intelectual. Garanto que procurei e tenho procurado refletir aquilo que aprendi com as pessoas de Deus que frequentam esses lugares, se não consigo ou ainda não consegui, me perdoem.

A Prefeitura de Areia, mesmo com suas deficiências, por ceder o ônibus para que todos os dias eu e tantos outros estudantes pudéssemos ir para Campina Grande, estudar e conhecer outro “mundo”. Em especial na pessoa do ex-prefeito Elson da Cunha Lima e na pessoal do atual gestor Paulo Gomes. Ao motorista seu João Toco e ao atual seu Neinha.

A diretora do Sistema Educacional Areiense, Graça, pelas oportunidades a mim cedidas. Obrigado.

Ao meu amigo João Carlos Júnior, jovem de Deus e grande intelectual, pelo apoio, sobretudo por ter me suportado todas as vezes que precisei de seu computador, da sua internet. João obrigado pela disponibilidade, e por me ouvir em meus conflitos pessoais. Sem esquecer também do irmão e amigo Rafael dos Santos Silva que muitas vezes desempenha o papel de psicólogo para uma grande parte dos jovens da Igreja Congregacional. Que Deus te abençoe Rafael. “Em todo tempo ama o amigo e na angústia se faz o irmão”. Pv 17.17.

Aos colegas de classe Damião, Adriana, Cristiane, Marcelo, Darlan, Fernanda e Thiago. Com eles, mesmo que indiretamente, aprendi a ser mais tolerante e a respeitar as diferenças. Compreendi que as diferenças acompanhadas do respeito é o que unem os seres humanos. Foram bons os anos que vivi com vocês estudando, debatendo e trocando ideias.

Aos meus professores, que foram companheiros neste processo de aprendizagem, fazendo-me portador de seus conhecimentos.

Aos meus narradores: Dona Valdecir, Irmã Francisca e Marluce.

À banca examinadora, composta pelos professores Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo e Dr. Iranilson Buriti de Oliveira pela disponibilidade e compromisso. Em especial ao meu orientador, o professor Drando. Daniel Ely Silva Barbosa, pela paciência, pelos ensinamentos e por me transmitir tanta tranquilidade.

E a todos que contribuíram de maneira direta ou indireta para a conclusão deste trabalho. Serei sempre grato a todos!

A minha gratidão a todos vocês é com certeza a expressão da fidelidade de um Deus pessoal que nos ama. Acreditar nEle faz com que esses agradecimentos se tornam possíveis, pois bem nenhum temos se não vier d'Ele.

Eu nada seria meu Deus, nada seria em absoluto se não estivesses em mim; talvez seria melhor dizer que eu não existiria de modo algum se não estivesse em ti, de quem, por quem e em quem existem todas as coisas?

Agostinho

RESUMO

Narrar uma “outra” história religiosa a partir de fontes que mostram uma Areia preponderantemente Católica não é tarefa fácil. Movidos por esse desafio o nosso objetivo foi buscar lançar um novo olhar sobre essa cidade a partir da introdução do protestantismo Congregacional. Por isso o nosso trabalho tem como título “Espaços de Conflito?: a Inserção do Protestantismo Congregacional em Areia (1924-1973)”. Essa pesquisa leva em consideração as noções de “estratégia”, “tática”, “consumo”, “trajetória”, “astúcia” e “apropriação” de Michel de Certeau (2013). E também as noções de “herança” e “tradição” de Paul Ricoeur (1997). Dividimos o presente trabalho em três capítulos, onde mostramos no primeiro à cidade Católica enquanto geradora e controladora das sociabilidades, e as produções historiográficas locais acerca da mesma. No segundo nos atemos à chegada do protestantismo e o papel do seu líder na comunidade. E no terceiro capítulo nos detemos em narrar as “burlas” criadas pelos conversos para conseguirem sobreviver em um espaço que não lhes aceitava. Assim a história oral, como as outras fontes, se tornou um importante recurso metodológico para a pesquisa, haja vista a escassez bibliográfica específica sobre a temática.

Palavras-chave: Areia, Catolicismo, Protestantismo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I:	17
1.1. Areia: sua emergência e aspectos culturais.....	18
1.2. A hegemonia católica	22
1.3. Sociabilidades: A igreja gerindo a vida social da cidade.	27
CAPÍTULO II.....	31
2.1. Discussão historiográfica	32
2.2. O caminho inicial: Júlio Leitão em Areia	36
2.3. Embates: Júlio x católicos.....	39
CAPÍTULO III	46
3.1. (In)versões cotidianas	47
3.2. A igreja transumante.....	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
FONTES E BIBLIOGRAFIAS	63
ANEXOS.....	66

INTRODUÇÃO

Na torre o campanário bate, o sino divide o tempo em anos, os anos em meses, os meses em dias, os dias em horas, as horas em segundos, ditando o ritmo da vida. Os sons eram uma constante para os habitantes de Areia. A cidade acorda, nos engenhos ouvem-se os sinos tocando, animadamente, levando as pessoas a se encorajarem as obrigações religiosas. Imponente a Igreja está geograficamente localizada no mais alto ponto da cidade, sua arquitetura, sua torre, suas imagens, seu afresco e os apelos do padre convergem para o ajuntamento da população na matriz. É impossível caminhar por uma rua, conversar com um amigo, entrar na padaria, em uma casa, plantar e colher sem sentir a ingerência da Igreja na vida dos indivíduos dessa cidade. O reino de Deus anunciado pela religião católica era, ou pelo menos parecia ser a “bússola” dos homens no tempo, e a Igreja era a polícia do espírito, normatizando comportamentos, condutas, ao mesmo tempo em que excluía e incluía fiéis em seus nichos.

Por uma descrição da cidade de Areia, da sua aparência, da sua fauna e flora, de seu conjunto urbanístico, de sua religiosidade e de sua gente tudo parece muito comum. Topograficamente ela é muito diferente dos centros urbanos comumente conhecidos, pois está localizada na crista da serra da Borborema, parecendo um polvo, abraçando com seus tentáculos o cume da serra. Sua natureza foi altamente bem aquinhoadada, engenhos salpicam os sopés das montanhas, as plantações da agricultura tradicional pontilham o relevo acidentado. Casarões históricos parecem que descansam tranquilamente diante das intempéries, ou melhor, agonizam em um passado de glória, exauridos depois de tantas lutas e glórias que não possuem mais (ALMEIDA, H., 1957). Os primeiros sinais da sua exaustão aconteceram no final dos anos de 1840 e no decorrer deste mesmo século, concretizada, sobretudo pelo cerco das estradas de ferro que a deixaram isolada.

Como cidade do interior, onde as mudanças comportamentais próprias do mundo moderno demoravam a chegar, a Igreja se fazia ainda muito presente, e acabou se tornando um refúgio diante das dificuldades enfrentadas por todos. Como guardião dessa sociedade, dos “bons costumes”, a Igreja dispunha de bastante prestígio. Na cidade as missas faziam-se obrigatórias, o sino norteava a vida dos habitantes, e logo cedo as famílias tradicionais sonhavam com a hora de seus filhos se tornarem padres. No interior das casas e das fazendas, distante da matriz, não faltava o oratório, para o terço em família.

Mas algo começa a soar dissonante em relação à religiosidade oficial dessa sociedade, a partir da primeira metade do século XX, quando outra prática cristã adentra o espaço hegemônico da Igreja Católica Apostólica Romana. Uma nova “crença” começa a forjar novas sensibilidades. Novas visões e novas práticas acabam por instaurar conflitos voltados às convicções de fé. Então, os atores sociais, um lugar, uma época e suas experiências religiosas são a convergência em que se baseia o presente trabalho.

A escolha do nosso tema de pesquisa se deu devido, sobretudo, ao fato de termos percebido à ausência de uma história escrita sobre o protestantismo de linha Congregacional em Areia. Além disso, em nossa pesquisa identificamos o próprio desconhecimento dos congregacionais acerca de sua origem histórica local, ou seja, os membros da Igreja Congregacional de Areia pouco sabem sobre a chegada da mesma, que se deu em 1924, ou sobre os episódios ocorridos até ela se tornar de fato uma denominação organizada juridicamente, em 1971, quando cortou o cordão umbilical que a unia a Igreja Central de Campina Grande.

Assim sendo, o nosso desejo é tecer uma história que nos apresente também a figura do protestante na cidade de Areia, já que a historiografia local acabou colocando à margem esses indivíduos, no momento em que de forma seletiva pôs tão somente o século XIX como o passado a ser lembrado e evocado, por representar o período do bulício cultural da cidade, que findou com o cerco das estradas de ferro que a deixaram isolada. Ou seja, a história que temos é a do homem, leia-se masculino, branco e cristão apostólico romano. Buscaremos então narrar o surgimento do protestantismo Congregacional no município de Areia e tentar entender como essa vertente do cristianismo era percebida pela sociedade da época. Assim buscaremos apresentar a sociedade Católica Romana no contexto em que os protestantes se inseriram. Surgem dessa forma algumas interrogações: Como se deu a inserção dessa vertente do cristianismo no contexto religioso areiense? Aconteceu de forma pacífica? Como os conversos se comportavam diante dos novos princípios religiosos? Desde já ressaltamos que as fontes, bibliográficas e orais, que foram utilizadas nos permitem afirmar que a presença protestante em Areia não se deu de forma harmoniosa, são vários os casos em que o protestante é representado como uma pessoa indesejada, que não partilha das mesmas crenças da sociedade areiense. De modo que a “história da presença protestante no Brasil frente à [...] cultura ibérica nada mais é do que um constante choque cultural”. (MENDONÇA, 2008, p.37-38).

Partindo da premissa que cada historiador é fruto do seu tempo, do seu “lugar social”¹, e que ele só produz o que o seu meio social, religioso e etc. lhe permite, a escolha desse tema nasceu também de uma curiosidade pessoal, tendo em vista a minha formação cristã e, sobretudo por ter ouvido muitas dessas histórias de humilhação e preconceito que alguns protestantes passaram na cidade de Areia, contadas por alguns indivíduos que infelizmente já faleceram e não puderam contribuir com o nosso trabalho.

Quando nos debruçamos sobre a história do protestantismo percebemos que o mesmo foi bastante heterogêneo diferente da tradição católica. Assim comumente quando pensamos sobre esse movimento religioso vem à mente as nomenclaturas, acerca do mesmo, desenvolvidas pelos pesquisadores ao longo dos tempos. Um exemplo: de acordo com Mendonça (2008), o protestantismo brasileiro pode ser dividido em protestantismo de imigração, (luterana, anglicana e reformada) que tem raízes na Reforma do século XVI, e o protestantismo de missão ou denominações históricas, que também teve origem na Reforma do século XVI (metodistas, presbiterianos, episcopais e congregacionais, esse último estabelecido por missionários europeus e não por estadunidenses). Nesse sentido o Congregacionalismo é mais uma denominação entre tantas outras que se instalaram no solo brasileiro, e que está dentro do ramo do protestantismo denominado tradicional.

É de suma importância destacar que qualquer exposição sobre a história da Igreja, sobretudo, no que diz respeito ao relacionamento da fé cristã com outras crenças resulta para os historiadores uma grande preocupação, haja vista que a gerência do Cristianismo no Brasil se deu em meio à negação da religião do outro, quando o negro, o nativo ou o judeu tiveram que negar o que eram e “assumir” o Cristianismo para poderem sobreviver. Essa observação nos leva ao recorte histórico que faço no presente trabalho, 1924 - ano da chega do primeiro pastor em Areia - a 1973 - quando o primeiro templo foi derrubado - e pensarmos o porquê da marginalização dos protestantes na sociedade areiense e as criações que os mesmos usaram, como astúcias e táticas, para conseguirem escapar e burlar à ordem dominante.

Em nossa empreitada de construção da presente pesquisa nos valeremos dos referenciais teóricos de Michel de Certeau que foi capaz de enxergar microresistências onde outros só viam conformismos e obediências. Assim, ao longo de nossa escrita avaliaremos algumas reflexões do referido autor. Utilizaremos conceitos como “estratégia”, “tática”, “consumo”, “trajetória”, “astúcia” e “apropriação”. Sabendo que a “cultura ordinária” silenciosa e silenciada se relaciona com às estratégias dos fortes, dos donos do teatro de

¹ Ver: CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 1982.

operações, realizando rupturas no espaço do “próprio”. Para Certeau “a cultura ordinária” burla e reinventa o campo da “estratégia” (CERTEAU, 2013, p.19).

Além disso, com Certeau aprendemos a dar uma atenção especial aos “relatos” da “cultura ordinária”, não no sentido de dar voz aos vencidos, mas de avaliar de que maneiras estes “heróis anônimos” (re)elaboram suas trajetórias.

Nessa perspectiva teórica, buscamos contribuir para a produção de uma “historiografia inclusiva”, rompendo com a tradição histórica triunfalista de glorificação, das autoridades da igreja congregacional, preocupada tão somente com os assuntos, ou problemas eclesiásticos. Sendo dessa forma tão necessário o uso da teoria do relato, para a nossa pesquisa, para que possamos prestar atenção às translações da “ordem dominante” postas em prática, pelos protestantes “fazendo funcionar as suas leis e suas representações “num outro registro”, no quadro de sua própria tradição” (CERTEAU, 2013, p.18).

Além do trabalho citado anteriormente, usaremos também as concepções de *herança e tradição* de Paul Ricoeur (1997), que vê na tradição um elemento que pode afetar o ser e a comunidade. Os propósitos da presente pesquisa se aproximam também dos estudos de autores como Bosi (2003), Barros (2004), Reis (2006), Pinsky (2005) entre outros. Para o desenvolvimento da nossa temática nos utilizamos também dos depoimentos orais, e para uma história de Areia usamos os trabalhos de José Américo de Almeida (1976), Horácio de Almeida (1957), Rodrigues (1998), Aurélio Albuquerque (1981) entre outros. No que diz respeito à construção de uma história da religião católica em Areia nos valem, sobretudo dos escritos dos Almeidas. Quanto à história do protestantismo nessa cidade também utilizamos como fontes, além da história oral, diários, atas, jornais e livros.

Desta forma, partindo do desejo de (re)contar essas histórias surgiu uma dificuldade: poucos registros escritos, restando-nos então os depoimentos muito valiosos dos poucos que ainda sobrevivem e podem contar essa história. Assim seremos amparados também como pesquisadores por narradores, que contaram suas histórias, nos dando a possibilidade de conhecer e reconstituir suas experiências.

Então do ponto de vista metodológico trabalhamos com a história oral temática, que tem se apresentado como uma nova perspectiva na escrita da história, baseada nas entrevistas feitas com os fiéis protestantes que viveram o período do nosso recorte temporal. A história oral possibilita então ao entrevistador registrar histórias de vida, tais como os fatos foram compreendidos, sentidos e até mesmo reinterpretados por aquele que os viveu. Ela não só busca revivificar as práticas cotidianas, mas também analisar como elas foram sentidas quer

sejam em relação aos acontecimentos sociais, econômicos, culturais, políticos e religiosos nos contextos em que os personagens estiveram inseridos. Assim sendo a história oral abriu espaço para indivíduos pertencentes a categorias sociais marginalizadas pela história oficial. Embora certos da importância dos registros escritos, sabemos que “(...) a história, que se apoia unicamente em documentos oficiais, não podem dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios.” (BOSI, 2003, p.15). Ou seja, agora temos a possibilidade de abrir o “palco da história” para personagens que anteriormente foram menosprezados pela história dita positiva que não foi capaz de dar conta das tramas individuais que se escondem por trás da “grande cortina” da História. Mesmo assim sabemos que as produções historiográficas não são ingênuas, nem privadas de interesses, pois quando alguém resolve escrever algo, ele o escreve a partir de um lugar social, que está intrinsecamente ligado as influências do seu trabalho, de sua religião, de suas cosmovisões.

A história oral permite ativar e materializar o que só existe em estado oral contido na memória, bem como o que foi tolhido por formas de cerceamento. Através da oralidade os grupos humanos não permitem morrer determinadas experiências, reinventando o não resolvido. É exatamente aí que reside a importância da história oral, manter a experiência passada em estado de uma espécie de “presentificação”. Todavia, cabe salientar que a história oral não só é possível quando não existem documentos, ela é de suma importância também para produzir outras versões dos documentos considerados oficiais.

Para Ecléa Bosi (2003), a memória oral permite a relação do corpo presente com o passado, interferindo assim no curso das representações.

A memória oral, longe de unilateralidade para a qual tendem certas instituições, faz intervir pontos contraditórios, pelo menos distintos entre ele, e aí se encontra sua maior riqueza. Ela não pode atingir uma teoria da história, nem pretende tal fato: ela ilustra o que chamamos hoje a História das Mentalidades, a História das Sensibilidades (BOSI, 2003, p.15).

Tendo em vista que se trata de uma área, pouco explorada temos como objetivo proporcionar mais uma fonte aos leitores e a todos os pesquisadores que se familiarizam com a história da Igreja. Pois se faz necessário evidenciar através de novas pesquisas que o movimento cristão protestante tem uma longa e rica trajetória também em Areia, e por isso precisa ser conhecida pela sociedade bem como pelos fiéis de todas as gerações. Ao mesmo tempo pretendemos mostrar a chegada de uma religiosidade carregada de suas próprias

determinações e claro com a herança das culturas e das sociedades que atravessou, e mesmo assim se reinventou na sociedade areiense diante das dificuldades encontradas pelo caminho.

Mesmo tendo Deus (o divino) como personagem principal, o cristianismo é uma religião profundamente histórica, tendo seus eventos ocorridos no tempo e no espaço, ou seja, em uma cronologia humana. É importante lembrar que a história da Igreja nem sempre é agradável ou edificante, já que a mesma reflete, sobretudo, as tensões e contradições das quais os cristãos não estão imunes. Daí, podemos pressupor que o universo religioso é complexo, contraditório e conflitante. Por outro lado, se dermos uma rápida olhada ao nosso redor, perceberemos que a religião desempenha um papel muito importante na vida social, econômica e política das pessoas. Sendo assim nossa pesquisa não pretende apenas reconhecer o valor da história para a bagagem intelectual do ser humano, mas também alertar para a natureza profundamente histórica do cristianismo protestante, cuja longa e rica trajetória precisa ser reconhecida.

Em busca de responder nossas inquietações, e construir a história do Congregacionalismo em Areia, estruturamos este trabalho em três capítulos. O primeiro é intitulado como: *Olhares sobre Areia: a historiografia local e a cidade Católica*. Nele mostramos um pouco dos discursos construídos acerca de Areia, sobretudo pelos “Almeidas”, (José e Horácio de Almeida), e que continuam a resistir até nossos dias, com o objetivo de preservar um passado de glória, gerindo nos habitantes dessa cidade a certeza de ser esta a terra da cultura. Ao mesmo tempo narramos a hegemonia católica sobre Areia, supremacia essa representada, principalmente pelos areienses “ilustres”, que passaram a servir a Igreja, como é o caso de Aauto Henriques de Miranda que foi o primeiro bispo e arcebispo da Paraíba, e tantos outros(as) que professaram os votos de castidade. Procuramos então mostrar e esclarecer ao leitor a predominância que teve o catolicismo no dia-a-dia das pessoas de Areia, até ver adentrar em cena uma nova religiosidade: o protestantismo. Esse capítulo teve como base, fontes bibliográficas bastante vastas no que diz respeito à história de Areia e bastante escassas no que diz respeito à história religiosa dessa cidade.

O segundo capítulo: *Na tessitura do cristianismo: o protestantismo em Areia* nos apresenta uma breve discussão historiográfica com as fontes encontradas, durante o processo de garimpagem das mesmas, que se referiam a essa categoria desde o século XIX até as primeiras décadas do XX. Logo depois nos atemos ao vanguardismo de Júlio Leitão de Melo e os conflitos entre católicos e protestantes. Valemos-nos nesse capítulo tanto das referências bibliográficas quanto da história oral. Em nossa pesquisa percebemos que na produção

historiográfica sobre Areia e sua sociedade quase não se fala sobre os protestantes. Só conseguimos achar uma referência de um católico, Aurélio de Albuquerque² (1981), se referindo aos desmandos do pároco local, em relação ao sepultamento de uma criança, filha de um protestante.

O terceiro capítulo: *Práticas e táticas: desenhando trajetórias de escape* nos fala sobre práticas sociais e religiosas cotidianas dos protestantes e principalmente as táticas desenvolvidas pelos mesmos para conseguir driblar a intolerância. Procura-se fazer um esboço sobre as “práticas cotidianas para se extrair do seu ruído as maneiras de fazer”, que mesmo “reduzidos ao silêncio, modificam ou desviam a verdade imposta” através de movimentos de “super-ações”, “trapaçaria, astúcia e esperteza”, conseguindo “desfazer o jogo do outro” com “inventividades próprias” diante do padrão que deveria ser seguido (CERTEAU, 2013). Em sequência a estas “astúcias” nos atemos ao crescimento dessa comunidade diante das dificuldades.

Neste último capítulo não buscamos escrever uma história que busque apontar erros ou acertos sobre o passado, e sim contar aspectos ligados à burla da “norma”, bem como as contradições que se fizeram presentes nesse contexto. Narrando uma história que contempla os comportamentos, os sentimentos religiosos e as técnicas de uma antidisciplina. Escrevemos uma história onde estão presentes também os pequenos, os homens “ordinários”, as resistências sub-reptícias e as práticas miúdas do cotidiano.

Sentimos ainda a necessidade de deixar bastante claro que o nosso objetivo não é denegrir a imagem de nenhuma instituição, mesmo tendo nossas próprias convicções voltadas para o cristianismo/protestante. Procuramos desenvolver um estudo centrado no compromisso com a objetividade, sem querer fomentar uma ideia maniqueísta. O que aspiramos é contribuir para o fomento de pesquisas voltadas para o estudo da presença protestante no município de Areia, que passa então a ressurgir do esquecimento histórico para a possibilidade de se elaborar uma versão da história que ainda não nos foi contada.

Embora sejam muito raros os momentos em que de algum modo à presença protestante no Brasil se faça sentir na sociedade brasileira, existe um protestantismo no Brasil. O protestante não aparece, não se apresenta, não se insere de modo sensível na política, na cultura. Não há um impacto protestante na sociedade brasileira. Mas ele existe, está aí. Por toda parte, no campo e nas cidades [...] (MENDONÇA, 2008, p.27).

² Aurélio de Albuquerque foi um areiense, que desempenhou a função de desembargador do Tribunal de Justiça da Paraíba, foi cronista e jornalista. Enquanto homem das letras foi responsável também por escrever a história da sua terra.

CAPÍTULO I:

**OLHARES SOBRE AREIA: A HISTORIOGRAFIA LOCAL
E A CIDADE CATÓLICA.**

1.1. Areia: sua emergência e aspectos culturais

Areia teve sua emergência³ provavelmente em fins do século XVII e princípios do século XVIII. Em meados do século XVII o território do atual município era conhecido como Sertão dos Bruxaxás⁴, por causa dos índios bruxaxás⁵ que dominavam primitivamente os montes verdes da serra da Borborema.

Inicialmente não passava de um curral, um cruzamento íngreme de caminhos, para o recolhimento do gado que vinha do sertão, com destino aos mercados do litoral. Por essa época, no local onde hoje se ergue a cidade, um desbravador português de nome Pedro, que pela amizade desenvolvida com os índios recebeu a alcunha de Bruxaxá, construiu um albergue à margem do cruzamento de estradas muito frequentadas pelos viajantes que provinham de Pernambuco ou do alto sertão e dirigiam-se para Mamanguape e a capital, ou vice-versa. Ao lado de Pedro Bruxaxá como desbravador desse território figura também o major Joaquim Gomes da Silva, senhor da propriedade “Lameira” em Guarabira⁶.

Muito cedo o povoado começou a crescer, a mudar de fisionomia, a espalhar-se pelos terrenos escassos da lombada da serra. E a despeito do progresso que o tempo operava, aquela ruazinha de aspecto maltrapilho, que deu lugar ao nascimento da localidade, continuou pelo espaço de dois séculos a exhibir-se na indigência de seu traje, um agrupamento de casas de palha, bem à entrada da cidade, do lado oriental. Mais ainda se humilhava com o apelido que lhe botaram de Rua do Grude, por causa das constantes brigas que ali se desenrolavam (ALMEIDA, H., 1957, p.12).

Paulatinamente correu a fama da exuberância das terras do Sertão do Bruxaxá entre os tropeiros de distantes sertões. Colonos de Pernambuco e viajantes estrangeiros atraídos pelos pontos de cal branca, fortemente iluminados, comunicando vida urbana numa crista de serra trilhada por pequenos cursos de água, dando lugar a histórias e lendas que até hoje repercutem na cidade. A riqueza de versões, de histórias e lendas indica a projeção, não apenas local, mas na colônia inteira, do pequeno povoado que o alvará de D. João batizou de Vila Real do Brejo de Areia.

³ Horácio de Almeida (1957) no livro Brejo de Areia deixa bastante claro que não se sabe ao certo quando Areia teve começo.

⁴ Bruxaxás é uma palavra de origem indígena e significa terra onde canta a cigarra. A palavra sertão nomeava toda terra que ficava situada no interior do país.

⁵ Segundo José Elias Borges, pesquisador indígena, numa interpretação mais recente diz que não houve tribo com esse nome.

⁶ Nesse período as atuais cidades de Guarabira, Bananeiras, Cuité, Pilões, Alagoa Grande, Pedra Lavrada e Serraria faziam parte do território de Areia.

Como passagem obrigatória e ponto de encontro para boiadeiros, comboieiros, tropeiros e passantes, o local logo atraiu habitantes que em pouco tempo ajudaram a formar um próspero povoado que passou a chamar-se de “Brejo de Areia”, devido correr nas imediações um riacho de nome Areia. Servida por algumas vias de comunicação, pelo fomento da agricultura e do comércio a então Vila Real do Brejo de Areia passou por um período de expansão, sendo construídas muitas casas de taipa e de alvenaria bem como a construção de uma igreja, transformando assim toda fisionomia local.

A partir de 1812 o povoado passou por transformações que levou o surgimento de visíveis sinais de progresso. As condições naturais influenciaram diretamente o seu desenvolvimento. Seu clima, a excelência da sua água paulatinamente proporcionou o desenvolvimento da agricultura. Plantava-se algodão, cereais, fumo e cana de açúcar. Seu comércio chegou a nivelar-se à capital, a Mamanguape e a Goiana. Logo depois se tornou o centro das atividades econômicas da zona do brejo, bem como o centro político. Passou a possuir armazéns de tecidos e de ferragens que eram diretamente importados da Europa. No ano de 1801 foi inaugurada nele a primeira farmácia da Paraíba, gerenciada por Simeão Patrício da Costa.

A feira de Areia alcançou importância sem igual no comércio local. Dessa forma se tornou a maior da Paraíba e a do norte do Império, posição mantida até o final do século XIX. O movimento em torno do comércio cresceu tanto que chegou ao auge de progresso, com os seus estabelecimentos e empórios, comparados ao porte dos melhores das capitais do nordeste brasileiro (ALMEIDA, H., 1957).

Como freguesia, desde 1813, as terras do Brejo de Areia estavam atreladas ao território da vila de Mamanguape, ou seja, estava sob sua jurisdição administrativa e eclesiástica. Criada a freguesia, dois anos depois a povoação foi erigida à categoria de Vila, com o nome de Vila Real do Brejo de Areia, pelo alvará régio de 18 de maio de 1815, ocorrendo sua instalação a 30 de agosto de 1818, recebendo então as prerrogativas e privilégios que a lei do tempo conferia às Vilas do Reino. Essa demora em fazer a solenidade de instalação do município se deu ao fato de Areia ter sido palco da Revolução Pernambucana (1817). Assim se tornou a oitava Vila da então Parahyba do Norte. Depois de galgar sua autonomia municipal, ao território da nova vila, foram anexados os povoados das atuais cidades de Alagoa Grande, Bananeiras, Guarabira, Pilões, Pedra Lavrada e Cuité. “Areia permaneceu vila até 1846, num tempo, porém, em que essa condição não implicava demérito.

Sempre exerceu um papel valioso, como foco irradiador de cultura e de ação, de paraibanidade e de civismo” (PEREIRA, 1987, p.35).

Em 1831 o território da Província estava dividida em três comarcas, sendo a da Capital composta dos termos do Conde, Alhandra, Pilar, Montemor, e Baía da Traição; a de Areia, formada dos termos de Campina Grande, S. João do Cariri, Bananeiras e a última, englobava os termos de: Pombal que era a sede, Patos, Piancó e Sousa (LEAL, 1989, p.139).

Em 1846, pela Lei Provincial nº2, de 18 de maio, a Vila de Areia ganhou foros de cidade sob o topônimo de Areia. “Nesse momento, a antiga povoação do Sertão do Bruxaxá, tornada agora a segunda cidade da província – até então, a única cidade existente era a da Parahyba, a capital – despontava como um dos mais importantes núcleos urbanos do interior paraibano” (GAUDÊNCIO, 2007, p.156-157).

Desde então a pequena cidade começou a passar por diversas transformações que definiriam sua posição de destaque entre as outras povoações do Brejo. Tipificou-se, ainda no século XIX, como símbolo da lenta transição de um mundo rural para um mundo marcado pelos modos e necessidades da vida urbana. Areia tornou-se a cidade dos sobrados conjugados que eram ao mesmo tempo casa de moradia, escritório e casa de negócio, isso devido, sobretudo, ao seu forte bulício comercial.

A pujança da sua economia refletiu diretamente no espaço urbano. Nela foi construído o primeiro teatro da Paraíba, em 1859, o Teatro Recreio Dramático, que até hoje está em funcionamento. Sessenta membros de uma sociedade civil, fundada em 1857, contribuíam mensalmente com cinco mil réis para financiar a construção do teatro bem como para descobrir artistas amadores e, sobretudo os vocacionados para o palco. No século XX esse teatro recebeu de um cidadão areiense uma imagem da deusa Minerva, que foi logo colocada no frontispício do prédio. Daí surgiu o atual nome do teatro: “Teatro Minerva”.

Nas vésperas da Independência do Brasil, o Governo Provincial mandou construir dez escolas públicas, espalhadas pelo interior da Paraíba, cabendo uma delas à Vila Real do Brejo de Areia. Essa escola foi instalada em 1822, sendo a primeira escola pública interiorana da Paraíba, destinada ao sexo masculino. A construção de uma escola voltada para o ensino feminino só se deu em 1834. Paulatinamente essa cidade ficou famosa por sua efervescência cultural, pelo amor as letras, pelo valor dado a educação. “Por conta da mentalidade esclarecida dos homens de posse da cidade, foram muitos os filhos da terra que chegaram ao

ensino superior, em alguma grande universidade da Europa, ou nas faculdades brasileiras, especialmente as de Direito do Recife e São Paulo” (Ibid, p.191).

Mesmo sendo uma cidade interiorana Areia ganhou certos ares de modernidade chegando a possuir de fato uma “fisionomia de uma minúscula capital”, já que possuía belos sobrados de azulejos portugueses e italianos, teatro, jornais, ruas calçadas, gabinetes de leituras, bibliotecas, sociedade dramática, colégios, clube de danças e um comércio bastante diversificado. Quanto ao sistema de iluminação pública, este foi inaugurado em 1884, com o uso de 12 lampiões a querosene, e ampliado em 1893.

Conhecida como a terra da cultura Areia teve vários jornais que circularam num período de setenta anos. “O Areiense” (1877) foi o primeiro deles; “O Século” (1883); “A Educação” (1886); “A Verdade” (1888) que foi o primeiro órgão abolicionista; “A Escola” (1890); “Democrata” (1892); “O Mosquito” (1894); “Libertador” (1895); “Cidade de Areia” (1899); “A Evolução” (1900); “Correio da Serra” (1907); “O Centro” (1909); “A Ronda” (1917); “O Luzeiro” (1927); “O Século” (1946). Além de tantos outros jornais humorísticos, como “O Vigilante”, “O Tirinete”, “O Smart”, “A Língua”, etc., que por muitas vezes tiravam o sossego e o sono da elite areiense.

Areia se destacou também no cenário musical, influenciada pelo compositor Manoel de Cristo Granjeiro Melo, que provindo de Pernambuco em 1820 fixou-se na cidade onde abriu uma escola de música e de canto. Coube a ele criar a primeira banda de música da cidade, em 1847, que animava as festas cívico-religiosas e populares alegrando a vida social dos areienses. Nesse contexto surgiram jovens vocacionados como Abdon Felinto Milanês que dirigiu o Instituto Nacional da Música, atualmente Escola Nacional de Música, sendo também o compositor do Hino da Paraíba.

Quanto ao campo da literatura, os principais escritores que nasceram em Areia foram: Horácio de Almeida que escreveu o livro “Brejo de Areia”, Simeão Leal, José Américo, Maximiliano Lopes Machado, Octacílio de Albuquerque, entre outros. Quanto à poesia popular tem-se como destaque João da Santa Cruz.

O grande destaque da cidade nas artes plásticas foi o conhecido Pedro Américo de Figueiredo e Melo (1843-1905), que produziu “O Grito do Ipiranga”, “O Cristo Morto” e a “Batalha do Avaí”. Além dele nasceram em Areia outros notáveis pintores como Francisco Aurélio Cirne de Figueiredo e Melo e Francisco Rafael Picico.

A construção do patrimônio dessa cidade bem como sua projeção política e cultural sempre foi inevitavelmente associada ao apogeu dos ciclos econômicos do município,

passando pelo algodão, café, sisal, pela pecuária e pela cana-de-açúcar, ocorrido no século XIX. Esse século é visto como o clímax da história de Areia, pois se considera que foi nele que a alma dessa cidade foi impressa, através de suas histórias, com a criação do seu teatro, bibliotecas e jornais, com o seu envolvimento na Insurreição Pernambucana, na Confederação do Equador, no Quebra-Quilos, e na Revolução Praieira, bem como dos movimentos artísticos liderados por Pedro Américo, das atividades musicais da hoje centenária Filarmônica Municipal e pelas produções literárias nas vertentes poéticas. Foi nesse período que o seu nome tornou-se sinônimo de uma cultura requintada e insigne, cujas transformações trouxeram reflexos concretos no campo das Artes, Letras, e da Política. Entretanto...

Toda grandeza de Areia ficou sepultada no passado (...) onde nada de novo acontece. Assim ficou Areia, arquejando á beira da desolação, em luta contra a adversidade, sem mais jornais, sem sociedade dramática, sem biblioteca, sem clube de dança, sem banda de música, numa inferioridade mórbida... Há, contudo, esperanças de recuperação (ALMEIDA, H., 1957, p. 199-200).

1.2. A hegemonia católica

Desde a primeira sesmaria requerida no então Sertão do Bruxaxá, em 1672, e que foi solicitada em 1719 pelo Padre Luís Quaresma Dourado, percebemos a ingerência da Igreja Católica Apostólica Romana nas áreas que atualmente compreendem o território de Areia.

Com a anexação do território da capitania da Paraíba à de Pernambuco, entre 1756 e 1799, devido ao fato da Paraíba estar passando por uma grande crise econômica, Areia ficou sob a jurisdição eclesiástica e administrativa de Mamanguape, que distava a 145 quilômetros. A anexação da Paraíba a Pernambuco acabou revelando uma série de inconveniências próprias de qualquer relação de dependência-dominação. Dessa forma a população areiense ficava aos cuidados do vigário de Mamanguape que visitava a comunidade uma vez ao mês. Todavia esse remédio espiritual homeopático não satisfazia os anseios da população. Colocando a mão na massa ela construiu, onde hoje se ergue a matriz de N. S. da Conceição, uma pequena capela que não passava de um casarão de palha. Por volta de 1808 o vigário de Mamanguape teve a iniciativa de reformar a capela, cobrindo-a de telha.

Todavia a independência eclesiástica em relação à Mamanguape só veio em 29 de junho de 1813, com a criação da freguesia que continuava com o patrocínio de Nossa Senhora da Conceição. Conseqüentemente Areia passou a ser a mais nova paróquia da Diocese de

Olinda, tendo como primeiro pároco o português, pertencente à Congregação Religiosa do Mosteiro de Arrábida, em Portugal, frei João de Santa Teresa.

A diocese da Paraíba passou a existir somente em 1892, quando pela Bula *Ad Universas Orbis Ecclesias*, de 27 de abril daquele ano, o Santo Padre Leão XIII criava mais uma circunscrição eclesiástica no Brasil. Esta se compunha de grande território, abrangendo este Estado e o do Rio Grande do Norte que veio a se transformar também em diocese pela Bula *Apostolicam in Singulis*, de 29 de dezembro de 1909, do Santo Padre Pio X. Ambas sufragâneas da Arquidiocese de Olinda e Recife. No ano de 1914, a 6 de fevereiro, o Santo Padre Pio X, pela Bula *Maius Catholicae Religionis Incrementum*, elevou a Paraíba à Arquidiocese. Em igual data e pela mesma bula foi criada a Diocese de Cajazeiras, fiando então a nova Arquidiocese com duas dioceses sufragâneas: a de Natal e a de Cajazeiras (TORRES, 1990, p.17).

Em 4 de março de 1894 a diocese da Paraíba foi instalada, tendo então como seu primeiro Bispo e mais tarde o primeiro Arcebispo o areiense D. Aduato Aurélio de Miranda Henriques. Nesse cenário religioso Areia teve muitos filhos que receberam o presbitério, todavia apesar do grande número de sacerdotes somente quatro areienses foram vigários na Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Areia: Manoel Cassiano, Sebastião Bastos, Odilon Benvindo e Francisco Coelhos.

Inevitavelmente a religião deixou também fotografada sua ingerência na construção do casario areiense. Então além do templo erigido em honra a Nossa Senhora da Conceição Areia possui a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, criada como resultado da instalação da Irmandade do Rosário dos Negros em 1873, com a autorização do Vigário Odilon Benvindo. Além dessas duas Igrejas Areia possui também uma Capela em homenagem a São Miguel Arcanjo que fica situada no cemitério da cidade, uma Capela de São Sebastião, no distrito de Mata Limpa, a de Santa Luzia em Muquém, a de São Bento, em São Bento, a de São João de Ipueira, a de Nossa Senhora das Dores em Chã de Jardim, a do Beato José Anchieta, na Pia, e duas outras em invocação a Santa Luzia, um no sítio Tauá e outra em Lagoa dos Barros.

Dessa forma o Patrimônio paroquial era enriquecido por muitos templos, ao mesmo tempo em que crescia, sobretudo devido à organização do clero, já que não possuíam nenhum problema no que diz respeito à herança, casamento e outras alianças. Além disso, a Igreja recebia dízimos e doações, o que fez com que ela se tornasse uma grande proprietária de terrenos em Areia.

Quanto a Igreja Matriz, esta possui uma bela estrutura, contendo a nave central e duas laterais, uma capela lateral dedicada a Santa Inês, consistório e coro, um altar-mor, nove

altares laterais, bem como dois outros de Nosso Senhor dos Passos e Nosso Senhor Ressuscitado. O forro da nave central tem três quadros com pintura a óleo, verdadeiras obras de arte, e na torre dessa Matriz encontra-se um mosaico ostentando a Virgem da Conceição.

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário é outra obra prima, tendo uma fachada simétrica, moldurado por volutas⁷. Com data de construção incerta o templo é uma relíquia, com nave central única, um altar-mor de madeira, o consistório e o coro, dois altares laterais e tribuna. O campanário é composto por dois sinos, que são usados para comunicar aos fiéis da Igreja a hora de seus compromissos religiosos.

A outra igreja, a do Rosário, iniciada por uma irmandade de gente de cor, é a mais antiga do lugar, posto tivesse ficado inacabada longos anos. Em 1865, o governo da Província concedeu uma loteria de quatro contos de réis para o andamento das obras, mas sua conclusão data de 1886, quando se celebrou a primeira festa religiosa naquele templo (ALMEIDA, H., 1957, p.19-20).

A religiosidade da sociedade areiense no âmbito público era exposta principalmente nos dias santos. As solenidades concernentes a Semana Santa em Areia, era um deles, que começavam com a bênção dos ramos, e depois se seguia em procissão da Igreja de Nossa Senhora do Rosário até a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, onde era realizada a missa dominical. No meio da semana acontecia a missa da Instituição da Eucaristia, culminando com uma procissão e com a adoração do Santíssimo Sacramento, isso até às 22 horas. As conhecidas sextas-feiras da Paixão iniciavam-se às 15 horas, com uma procissão que passava pelas principais ruas da cidade, conduzindo o Senhor Morto e “ai daquele que nas procissões, quando o púlpito⁸ passava não tirasse o chapéu e caísse de joelhos nas pedras do calçamento”. (ALMEIDA, J., 1976, p.91)

Com um catolicismo bastante arraigado, o ensino se destacou também no processo de concretização dessa religião em Areia, representado, sobretudo, pelo Colégio Santa Rita, instituição confessional, que se dedicou em formar “bons cidadãos” católicos. A história dessa instituição religiosa teve seu início no ano de 1907 quando foi constatado que a igreja de Santa Rita, construída em 1863, pelo frei Herculano do Monte Carmelo, ameaçava ruir. O então vigário da paróquia Odilon Benvindo de Almeida e Albuquerque, resolveu aproveitar as instalações do prédio para instalar um hospital. Depois de dois anos de esforços o pároco viu sua obra realizada, todavia em 8 de dezembro de 1910, o então bispo da Paraíba dom Aduino de Miranda Henriques sugeriu que não se criasse um hospital, pois Areia já possuía uma

⁷ Ornato espiralado nos capitéis das colunas.

⁸ Sobrecéu portátil, com varas, que se conduz em cortejos e procissões.

Casa de Caridade, mas um colégio para meninas. Assim em 1912 as adaptações para um colégio começaram a ser feitas.

O estabelecimento do ensino no Colégio Santa Rita se deu, de fato, no ano de 1937 quando as irmãs da Casa-Mãe das Franciscanas, em Dillingen, cidade situada à margem do Danúbio, responderam ao chamado do Monsenhor João Coutinho que procuravam religiosas educadoras para o Colégio. Com o convite em mãos e em pleno regime nazista, que as impediam de realizar sua missão de educar, vieram para Areia. Em 9 de junho de 1937 chegaram da Alemanha seis religiosas Franciscanas de Dillingen para a abertura do Colégio Santa Rita. Um ano depois chegava o segundo grupo de religiosas para reforçar o primeiro quadro de professoras. Dessa forma esse colégio se tornou um importante fator para o soerguimento da cultura areiense, bem como dos princípios religiosos tão latentes dessa instituição.

Buscando restaurar a cristandade ocidental, sobretudo após a Primeira Guerra Mundial, a Igreja profundamente influenciada pela encíclica *Acerbo Nimis* do papa Pio X passou a usar o catecismo como parte da pedagogia católica de educação religiosa. Tendo então o ensino submetido ao seu controle a Igreja via que a instrução não tinha outro objetivo que não fosse o aperfeiçoamento do homem para “os ofícios de Deus”. Então não foi por acaso que Areia teve tantos seminaristas, como José Américo, Aduino Aurélio de Miranda Henriques, Walfredo dos Santos Leal, Américo Perazzo, Manoel Joaquim de Souza e etc.

O Colégio Santa Rita era ao mesmo tempo escola e claustro. As orações específicas das freiras eram feitas nos compridos corredores. Na realidade, o colégio era dividido ao meio, pelo setor de vivência e utilização exclusiva das religiosas. O outro lado era o setor destinado à vivência das alunas, internas e externas, ou seja, ficava bastante claro que a vida religiosa das freiras não deveria se interceptar com a vida das outras alunas, a não ser na hora das aulas, onde as professoras deixavam transparecer suas cosmovisões religiosas. Isso fazia com que as alunas tivessem uma grande curiosidade quanto ao que as freiras faziam em seus claustros.

Outra instituição educacional que estava sob o comando da Igreja eram as Escolas Paroquiais Reunidas Padre Ibiapina, que desenvolviam atividades assistenciais destinadas aos meninos pobres, fornecendo gratuitamente fardas, material escolar e merenda. Em regime de semi-internato a Paróquia também possuía um espaço com cursos de marcenaria, mecânica, sapataria, tipografia, tecelagem e etc. objetivando capacitar seus estudantes para a vida. Além disso, ela tinha um Albergue que abrigava os mais velhos da paróquia, os que eram

abandonados por seus parentes, bem como escolas domésticas que preparavam as moças para as futuras tarefas do lar.

Nessa época o sino⁹ era usado para marcar o tempo, o tempo religioso, ele ditava as regras, a hora da missa, à hora do Angelus, a hora do recreio, da saída e do lanche. Já o sino da matriz impelia o apressamento da população católica para missa. No domingo o ribombar dos sinos eram mais fortes anunciando o santo dia. Isso naqueles tempos idos quando o pároco da freguesia, quando era do seu interesse, se mostrava como “senhor onipotente”.

As horas canônicas eram anunciadas pelo toque dos sinos, que mandavam à distância o som que funcionava como a voz da eternidade, marcando o tempo de todas as pessoas. Tempo de repouso e tempo de trabalho; tempo de oração e tempo de festa; tempo de vida e tempo da morte. Mais da morte do que da vida, na verdade, porque aquele tempo, marcado e controlado pela Igreja, também anunciava o Apocalipse: a esperança de salvação dos homens, principalmente os oprimidos (MICELI, 1986, p.23).

O catolicismo era a religião do povo areiense, o modelo, a configuração, o norte de seu mundo, em todos os sentidos da vida. E tendo o tempo submetido a seu controle, ela conseguiu “dominar” a história dos homens, e mesmo com o advento dos relógios mecânicos algumas cidades interioranas continuaram seguindo as normas da Igreja, mesmo de forma ressignificada. Fica fácil entender como era abrangente e eficaz a presença tanto física quanto ideológica da Igreja Católica, não sendo muito fácil a introdução de outra crença nessa cidade.

Destarte, a Igreja Católica em Areia, não muito diferente de outros lugares, através dos ensinamentos da religião expostos nos sermões dominicais, no controle moral dos indivíduos, na fiscalização do sistema de ensino, bem como do universo cultural, e conseguindo penetrar na vida particular dos seus fiéis, por meio das confissões conseguiu estender seus tentáculos de poder hegemônico. Para alguns esse controle tinha como objetivo gerar o equilíbrio individual tão necessário para o desenvolvimento de todos enquanto seres humanos, sujeitos a falhas e erros. Buscava-se assim valorizar as autoridades – o papa, o padre, a sucessão apostólica e a Bíblia – não por si mesmas, mas como uma forma de se aproximar de Deus, pois elas eram consideradas como mediadoras da unção divina.

⁹ Mesmo que pareça que essa prática de tocar o sino para marcar o tempo é algo que ficou no passado, em Areia isso ainda acontece. Por exemplo, os alunos do colégio no qual lecionamos fizeram uma pesquisa sobre os distritos de Areia, assim conseguiram organizar várias histórias, entre elas está a história de uma família do distrito de Mata Limpa que até hoje é responsável por tocar o sino da capela anunciando as missas ou a morte de alguém.

[...] a religião está profundamente envolvida pelas preocupações sociais e políticas, em que se reconhece a religião não somente como legitimadora da organização da sociedade, mas como a matriz geradora dessa organização (MENDONÇA, 2008, p.116).

1.3. Sociabilidades: A igreja gerindo a vida social da cidade.

As maneiras de ser e estar de homens e mulheres em Areia poder-se-ia dizer, que foram pautados pelos preceitos da Igreja Católica. A vida pública e a privada, os ideais, as convicções, as instituições sociais e os costumes também estavam entrelaçados com os pressupostos cristãos. Dentro desse contexto de influência as festividades religiosas não eram exceções, apresentando-se como meio de sociabilização, bem como instrumento para construção de uma memória religiosa. Esse papel que a Igreja exerceu ou vem exercendo na sociedade através dos tempos é tema recorrente em estudos nos mais diversos ramos da ciência.

As regras de conduta da Igreja bem como seus conselhos atingiam até a vida das crianças areienses. De acordo Horácio de Almeida elas não podiam jogar peteca, soltar pipa e muito menos pião, pois achava-se que esses tipos de brincadeiras eram pra moleques e por isso proibidos aos filhos de família. Segundo esse autor pior do que receber puxões de orelhas, “mas puxavante de verdade, suculento, de modo a levantar o freguês na ponta dos pés”, por parte dos padres, era ser tolhido de sua “liberdade” para assistir aos folguedos religiosos que constituíam a única alegria dos infantes em uma terra sem distração. “Diversões públicas não havia, de modo que os meninos saíam de casa, apenas, para a escola, que era uma tortura, ou para igreja, que era uma penitencia”. Quanto às mães dessas crianças, obedientes aos preceitos da moral católica, não possuíam voz ativa nas decisões tomadas pelo marido, cabendo se ocupar dos labores domésticos, lavar, costurar, engomar e cozinhar. Isso tudo porque se sabia que ao sexo masculino estava assegurado o domínio sobre o sexo frágil (ALMEIDA, H., 1957, 227-228).

Areia no início do século XX tinha características comuns a várias outras cidades do interior paraibano, não dispunha de um abastecimento de água e tinha como único meio de transporte o lombo de animas. Sendo influenciada pelas decisões dos grupos políticos, tanto quanto pelas medidas religiosas que partiam da Igreja Católica, que por sua vez não deixava também de dar sua parcela de contribuição aos processos eleitorais, apoiando “indiretamente” um ou outro candidato.

A religiosidade dos brejos é proverbial. Quem quer que more no seio dos brejos como nós, verá aos domingos, desafiando às vezes o rigor do inverno e a lama dos caminhos, passarem em cordões as matutas para a missa da matriz parochiana, com suas saías arregaçadas deselegantemente até os joelhos. Ao tempo da festa annual rompem à noite léguas em busca das “novenas” (CELSO, 1956, p.72-73).

De acordo com os indícios dos jornais analisados para a presente pesquisa as festas religiosas eram bastante concorridas. Entre elas podem ser destacadas as realizadas em homenagem a Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade, a de Nossa Senhora do Rosário dos Negros, a de São José, a Procissão do Senhor Morto, bem como as da Semana Santa. As festas juninas eram uma página dos festejos juninos bastante expressivos. Em torno das fogueiras, em frente às casas, surgiam os pulos cruzados¹⁰ dos “compadres” e “comadres” bem como os que se arriscavam em pisá-las. Levando em conta também aquelas de menores expressões que acabavam confirmando a diversidade festiva existentes na época. Ao mesmo tempo, mostrava a forte ligação que a população ainda mantinha com a Igreja e com seus atos litúrgicos.

O aspecto festivo da cidade era abrilhantado, com o sermão do padre, os ofícios religiosos, os flertes, os olhares furtivos. Essas festas eram consideradas uma das únicas oportunidades que as mulheres tinham de arranjar casamento, haja vista que elas eram tolhidas durante todo o ano do convívio social.

A grande alegria das moças de Areia era a Festa de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade, realizada na primeira semana de dezembro. Era a oportunidade para as mulheres saírem de casa e irem à Igreja e às festividades profanas, exibindo sua elegância de grandes damas, usando roupas, joias (...) e luvas luxuosas trazidos da Capital do Rio de Janeiro e da Europa. Este era o maior acontecimento social da cidade e que dava ensejo para o convívio entre as famílias e, principalmente, fazia surgir os namoros, resumidos apenas em troca de olhares (...). Certamente esta festa era a ocasião mais esperada do ano e preenchia aquelas vidas monótonas e vazias de satisfação pessoal (RODRIGUES, 1998 p.18).

Enquanto cidade interiorana, entre os séculos XIX e o XX, Areia era caracterizada, sobretudo por uma vida social marcada principalmente pela ausência de um dinamismo próprio, destacando-se nesses momentos históricos apenas as festas religiosas como principal

¹⁰ Momento em que dois indivíduos que pretendiam alargar seus laços de amizade, tendo como testemunha o santo referente à festa que se estava comemorando, resolvem pular a fogueira um pegando na mão do outro para concretiza sua relação.

distração das massas. Assim sob os conselhos da Igreja à sociedade participava das cerimônias de devoções públicas, que aconteciam tanto dentro quanto fora dos templos: como as celebrações da Semana Santa, das frequentes procissões, novenas, romarias e das santas missões.

O clímax da vida social de Areia era então a festa de Conceição que se realizava entre 29 de novembro e 8 de dezembro, tendo programação religiosa e profana em todas as noites. Havia toda uma preparação para a festa da padroeira, as pessoas “mais importantes” ajudavam ao Padre a organizar a festa. As crianças da paróquia preparavam as bandeiras de papel colorido para enfeitar as ruas e o pavilhão, as moças se dedicavam em confeccionar as flores de pano para decorar a igreja e o andor da santa. Além disso, alguns areienses considerados intelectuais eram incumbidos de elaborar o jornalzinho da festa. Na realidade circulava durante essa festa alguns jornaizinhos, como *O Chicote* que possuía um viés editorial bastante humorístico, nele se criticava vários personagens da sociedade areiense. Essa forma de humor segundo Horácio de Almeida (1957) não sofria censura, pois era visto como uma espécie de divertimento em um contexto de festa, ou seja, essa imprensa escrita era um meio usado pelos cidadãos para que pudessem rir uns dos outros.

Inevitavelmente a festa da Padroeira mobilizava a população de Areia antes, durante e depois da sua realização.

A festa de Conceição iniciava-se dez dias antes do dia oito de dezembro. Todos se aprontavam. Em João Pessoa e Recife, vestidos confeccionados por costureiros especiais. (...) As mães e pais se mexiam. Uns para tirar o dinheiro dos bolsos e as mães a viajarem com seus jovens. Pelo menos duas mudas de roupas deveriam ser adquiridas (ALMEIDA, Z., 2010, p.191).

O primeiro dia da festa, logo pela manhã, era marcado pela retreta da banda de música Abdon Felinto Milanês, que desfilava pelas ruas da cidade acordando o povo para se prepararem para a festividade religiosa: uma missa às cinco horas da manhã seguida pelo hasteamento da bandeira. Ao anoitecer em frente à Matriz, o Padre juntamente com o Prefeito hasteavam a bandeira de Nossa Senhora da Conceição, sob a aclamação pública. Logo depois ricos e pobres¹¹ adentravam na Igreja para a novena rezada pelo Padre e cantada pelo coro da igreja. Depois da novena começava na praça central a festa profana. Os mais pobres se deslocavam para as ruas laterais e os ricos ficavam no pavilhão central, que possuía muitas

¹¹ José Américo de Almeida em suas memórias deixa registrado que poucos eram os pobres que frequentavam o templo erigido em homenagem a Nossa Senhora da Conceição, tendo em vista que não possuíam roupas apropriadas.

mesas, onde as famílias mais influentes se reuniam todas as noites para os festejo. “Mesmo em festas religiosas, as classes sociais não se misturavam, embora todos se divertissem, cada um em seu lugar” (RODRIGUES, 1998, p.52).

A festa na rua consistia em girândolas, salvas, fogos de artifícios e na quermesse. Para os jovens esse era o momento dos namoros, a oportunidade de burlar algumas regras. Verifica-se então que as festas se tornaram a ocasião mais propícia para uma maior interação social. “Durante nove dias a cidade se apresentava engalanada, no garbo de sua magnificência, como se estivesse em núpcias com a imaculada Conceição” (ALMEIDA, H., 1957).

Em Areia a religião que já estava culturalmente enraizada era antes de qualquer coisa a crença do povo areiense, era o que lhes dava norte em muitas áreas da vida.

Destarte, é fácil entender como era abrangente a presença física da Igreja Católica, não sendo possível o acesso de outra religião a esse espaço, pois toda vida urbana, assim como a de todas as fazendas e sítios eram reguladas pela Igreja. A ingerência da mesma se dava, sobretudo pelo o controle dos atos importantes da vida e da morte (batismo, casamento e sepultamento). Assim Igreja acabou sendo uma instituição que esteve conectada às redes de poder que constituía a realidade social (REIS, 2006).

Foi nesse ambiente que o protestantismo veio a se desenvolver. Em uma cidade que cresceu em torno de uma capela que mais tarde se tornou a Igreja Matriz, e tinha uma população que estava sob os cuidados de vários líderes religiosos, uns um tanto quanto tolerantes com o diferente e outros nenhum pouco.

CAPÍTULO II

NA TESSITURA DO CRISTIANISMO: O PROTESTANTISMO EM AREIA

2.1. Discussão historiográfica

As denominações protestantes que se inseriram no Brasil no século XIX, são originárias da Reforma Protestante, que ocorreu na Europa, no século XVI, movimento que apareceu no seio da Igreja Católica, liderado por Martinho Lutero, na Alemanha, João Calvino, em Genebra, Zwinglio, no norte da Suíça, e Henrique VIII, na Inglaterra, dentre outros, que formaram comunidades religiosas, com suas respectivas liturgias e doutrinas. Não podemos então falar em uma igreja protestante no singular, e sim em um protestantismo plural, múltiplo, com várias vertentes.

A presença protestante no Brasil data desde o período colonial, quando vieram para o país em busca de um lugar seguro, já que na Europa estavam acontecendo disputas religiosas entre católicos e reformados.

[...] protestantes franceses se estabeleceram no Rio de Janeiro entre 1555 e 1560 e protestantes holandeses se estabeleceram no Nordeste entre 1630 e 1654 -, a tradição protestante finalmente inseriu-se no Brasil no começo do século XIX. Seu primeiro impulso foi basicamente de natureza imigratória e decorreu da abertura dos portos brasileiros ao comércio inglês (1810) e do incentivo governamental à migração europeia – particularmente alemã – poucos anos depois (MENDONÇA, 1990, p. 12).

Os franceses invadiram o Rio de Janeiro no século XVI, buscando o pau-brasil e um lugar de refúgio. Já no século seguinte, os holandeses da Companhia das Índias Ocidentais ávidos pelo comércio de açúcar e outros produtos tropicais, invadiram a Bahia. Todavia a presença sistemática dos protestantes só ocorreu na primeira metade do século XIX, com a chegada da corte portuguesa. A partir da década de 20 do século XIX os imigrantes alemães começam a instalar suas comunidades religiosas, que só foram oficializadas a partir de 1864. Os luteranos se espalharam, principalmente, no Sul e Sudeste do país. Tanto os luteranos quanto os anglicanos, na tipologia de alguns estudiosos, são enquadrados na categoria do protestantismo de imigração, tendo como único objetivo prestar serviços religiosos a comunidade alemã ou inglesa, em suas respectivas línguas, sem nenhum interesse proselitista.

Em meados do século XIX, o Brasil acolheu outra onda de protestantes que recebeu a alcunha de protestantismo missionário, que tinha interesse em evangelizar os brasileiros convertendo-os a sua religião. Entre as denominações que fazem parte desse grupo estão os metodistas, presbiterianos, episcopais e congregacionais. Elas aportaram por aqui devido aos

fatores provenientes do contexto histórico dos EUA, da Europa e do próprio Brasil. E por fim, nas primeiras décadas do século XX, introduziram-se os protestantes classificados como pentecostais.

Mesmo possuindo essa larga relação histórica com o Brasil ainda são poucos os estudos sobre o protestantismo histórico de missão, oriundo do mundo anglo-saxônico, que se estabeleceu em solo brasileiro na segunda metade do século XIX. Isso fica bem mais enfatizado quando buscamos produções historiográficas concernentes à presença desse grupo em alguns Estados, no nosso caso específico na Paraíba. Poucos são os que se tem aventurado a escrever sobre ele, mesmo nas Universidades percebemos que as produções são homeopáticas. Isso fica bem mais complicado quando resolvemos estudar uma vertente dessa religiosidade, que em nosso caso é o congregacionalismo.

Levando em conta, além da escassez de produções históricas sobre o assunto, percebemos que a historiografia relacionada à Igreja Congregacional comumente ressalta a sua falta de poder institucional e numérico, afirmando-se que se é uma denominação pequena. Entretanto a sua importância reside no fato de ter sido a pioneira para a formação das demais Igrejas Protestantes no Brasil, com interesse proselitista. Ela foi inserida no Brasil em 1855, pelo casal Kalley, Sara Poulton Kalley e Robert Reid Kalley, na cidade do Rio de Janeiro, sendo considerada a primeira Igreja Protestante no país em língua portuguesa, com o nome de Igreja Evangélica Fluminense. “O nome representava a forma de governo (igreja autonomia, independente), a identidade religiosa (evangélica) e o lugar de seu pertencimento (Fluminense)” (SANTOS, 2011, p 138). No Brasil, os Congregacionais não foram resultado do empreendimento de uma denominação estrangeira, e sim do pensamento e da prática ministerial de Robert Kalley. A herança Congregacional em todo país, no seu conjunto de práticas, valores, discursos e rituais foram pautadas por ele. No ano de:

[...] 1873, esses missionários estabeleceram a Igreja Evangélica Pernambucana, considerada a primeira igreja protestante do referido estado com fins conversionistas. A partir desta igreja, a fé protestante congregacional espalhou-se pelas mais variadas partes da região Nordeste do Brasil (FREITAS JÚNIOR, 2010, p. 14).

Voltando-se para o nosso recorte espacial veremos que à situação não muda. Ainda não há um trabalho dedicado a pesquisa histórica do protestantismo Congregacional em Areia, ou seja, a história dessa denominação nessa referida cidade no início do século XX, assim como na Paraíba, ainda está para ser escrita. Então, sabendo que não tem nem um livro escrito

sobre ele no início do século já citado, como conseguiríamos saber algo sobre o mesmo? Embora não haja nenhuma fonte densa sobre o assunto, utilizamos fragmentos de livros, biografias, diários, jornais eclesiásticos e a História Oral, metodologia de pesquisa introduzida no Brasil em 1975, e que utilizamos para realizarmos a presente pesquisa. Assim sendo:

A História oral permite o registro de testemunhos e o acesso a “história dentro da História” e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado. A História oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador de fita (PINSKY, 2005, p. 155).

Se ainda hoje publicar é uma tarefa de grandes dificuldades, repletas de percalços, e até os autores mais conceituados só conseguiram publicar seus trabalhos depois de anos de perseverança, o que pensar do mundo editorial do final do século XIX e início do XX? Quem escrevia nesse momento? Quem possuía a hegemonia da escrita? De quem eram as vozes que se ouvia na Areia de então? Como já foi explicitado no capítulo anterior, observamos que eram os indivíduos ligados à “alta” sociedade areiense: escritores ligados à academia, professores, políticos e etc. que possuíam uma maior facilidade em publicar suas obras, o que ajudou a perpetuar suas cosmovisões literárias, políticas, educacionais, bem como religiosas, tendo em vista que esses autores eram todos cristãos católicos.

Falar então sobre o protestantismo nas primeiras décadas do século XX é falar em uma classe que aportava na sociedade areiense com muitas dificuldades. Ser ou se tornar protestante, ou como diziam alguns, “povo do livro da capa preta, bodes, nova seita”¹² não era algo muito fácil, pois de acordo com as referências de alguns livros e dos relatos dos nossos entrevistados, eles eram tratados de forma pejorativa, e muitas vezes chegavam a passar por situações vexatórias.

O oceano da historiografia acha-se hoje povoado por inúmeras ilhas, cada qual com a sua flora e a sua fauna particular. Ou, para utilizar uma metáfora mais atual, podemos ver a Historiografia como um vasto universo de informações percorrido por inúmeras redes, onde cada profissional encontra a sua conexão exata e particular (BARROS, 2004 p. 09).

Conforme nos aponta a citação, percebemos claramente como a historiografia se fragmentou e continua se fragmentando. Como consequência vemos o surgimento de várias dimensões históricas bem como profissionais que buscam abarcar as mesmas. A história foi

¹² Palavras de Dona Valdecir Batista em entrevista feita no dia 15/09/2013.

paulatinamente se democratizando, possibilitando a emergência de outros sujeitos históricos, que haviam sido marginalizados pela história dita positivista, como as lavadeiras, os ambulantes, a prostituta e etc. E é graças à variedade dos paradigmas historiográficos - “clio despedaçada” - da contemporaneidade, tributária da renovação na escrita da história que vem ocorrida desde a fundação dos Annales, em 1929, que o presente trabalho é possível de se realizar. Daí a necessidade também de se estudar o presente tema.

No Brasil, os capítulos da história do protestantismo têm sido escritos quase que exclusivamente por historiadores eclesiásticos, antropólogos ou sociólogos interessados nos temas dessa religiosidade. Temos dessa forma alguns escritos sobre essa história que desconsideram totalmente a cultura romana ao mesmo tempo em que apresenta uma tradição triunfalista em seus escritos, haja vista que são escritos denominacionais, que apresentam e enaltecem os “grandes” personagens, desconsiderando a necessária relação com a Igreja Católica. Os eventos principais, os primeiros fundadores, os pioneiros e as doutrinas formam o itinerário principal desse tipo de história.

Sabemos que em nosso país essa é a abordagem que foi usada na produção da escassa bibliografia que temos sobre o protestantismo. Por isso mesmo nosso desafio é expor os tramas, os dramas, e as relações de resistência “fabricadas” pelos indivíduos que abraçavam essa “nova religião”. Partindo assim do pressuposto que esse ramo do protestantismo não teve um percurso histórico linear e nem muito menos harmônico, surgido em meados do século XIX, no campo religioso e cultural brasileiro. Queremos então tratar da busca, da “legalização” do espaço, por partes desses fiéis, de também terem a possibilidade de exercerem sua relação com o sagrado.

Mesmo atualmente as publicações voltadas à história dessas, ou dessa denominação, atendem a dois públicos, salvo algumas exceções: as lideranças das igrejas e aos nichos acadêmicos preocupados em debater os problemas metodológicos e epistemológicos. As produções voltadas para o primeiro público enfocam as políticas educacionais, as questões doutrinárias, teológicas e as trajetórias dos “grandes homens” e líderes. Produzia-se então uma historiografia que conseqüentemente, devido às escolhas dos temas, não tinha uma boa aceitação por parte das pessoas comuns, leigas. Quanto à escrita destina ao segundo público, pelo fato de só estar interessado na cientificidade reduz sensivelmente a possibilidades de leitores que estão fora do ambiente universitário. Procuramos, partindo dessas premissas, realizar uma pesquisa que rompa com essas duas abordagens. Nesse propósito temos a pretensão de oferecer um texto que possa ser lido por todos que queiram conhecer essa

religiosidade, apresentada pelo presente trabalho, ampliando esse conhecimento, registrando-o e difundindo-o sem perder o rigor científico nem muito menos a densidade, própria das pesquisas.

2.2. O caminho inicial: Júlio Leitão em Areia

Apesar de não se inserir numericamente de modo sensível na sociedade e na cultura areiense, nas primeiras décadas do século XX, o protestantismo¹³ existiu, embora fossem raros os momentos em que se sentisse a sua presença em Areia. Na realidade falar sobre essa crença na primeira metade do século passado é referir-se a uma categoria que nascia com muita dificuldade, pois procurava espaço em um local que lhe era estranho, uma vez que era um espaço já ocupado por outra religião totalmente enraizada.

Em nossa pesquisa sentimos grande dificuldade, pois a historiografia relacionada ao protestantismo, em Areia, é muita escassa, a maioria dos escritores da época estavam ligados à religião predominante, e não possuíam interesse em escrever sobre ele. Raras são as citações que apresentam a presença protestante na cidade. Dessa forma, não tendo fontes mais densas sobre o assunto, nos valem de fragmentos de livros, atas de reuniões, diários que narram alguns acontecimentos, além da história oral para relatar o objeto do presente trabalho. Ressaltamos então que a história dessa religião na referida cidade ainda está para ser escrita.

Voltemos então para o início da segunda década do século passado, mais especificamente para o contexto religioso do interior paraibano, para a já mencionada cidade, quando emerge uma nova religiosidade à margem da que já havia sido instituída como oficial. Na construção da mesma, um ponto relevante é a forma como se denominavam os que abraçavam a nova fé. Assim os adeptos dessa nova experiência passavam a adotar um nome que demarcava a negação da outra (leia-se Católica), os conversos passavam a se auto-identificar como “crentes”: deixava-se a desobediência, a incredulidade para se viver em fé e obediência.

De acordo com as fontes usadas para o presente estudo os caminhos do protestantismo congregacional em Areia estão diretamente ligados à primeira Igreja Congregacional de Pernambuco, mais especificamente a de Monte Alegre, bem como a de Campina Grande.

¹³ É importante destacar que o termo protestante raramente tem sido utilizado para identificar os não-católicos no Brasil, sobretudo nas cidades interioranas. Ele é mais usado pelos estudiosos da Religião e da Teologia bem como por historiadores.

Foram exatamente através dessas duas igrejas que a propagação do protestantismo foi possível no então “Brejo de Areia”.

A Igreja Congregacional nesta cidade nasceu como resultado do trabalho evangelístico de Júlio Leitão de Melo que em 1918 teve a ideia de viajar pelas cidades do seu Estado, Pernambuco, até os limites da Paraíba. Acabou passando pelas cidades de Serra Verde, Ingá, Serra Redonda, Água Doce (hoje Juarez Távora), Alagoa Grande até chegar a Areia no ano de 1924. Essa denominação protestante foi a primeira a ser fundada nesta cidade, já que antes de sua fundação havia apenas a Igreja Católica Apostólica Romana.

Criado em um lar Católico o menino Júlio, que nasceu no Engenho Olho D'água em 1882 no Estado de Pernambuco, foi durante toda sua infância educado para ser ordenado ao Sagrado Ministério Católico. “Era um jovem vocacionado para as lides espirituais” (CÉSAR, 1983). No engenho de seu pai era o filho designado para dirigir o canto nas missas, cumprindo dessa forma todos os preceitos da religião dos seus pais. Todavia aos dezenove anos, quando foi acometido de uma grave enfermidade se converteu ao protestantismo, frustrando assim os planos de seus familiares. Estudou teologia no Seminário Batista do Rio de Janeiro, bem como frequentou aulas no Seminário Presbiteriano de Garanhuns. Em 1912 é consagrado ao Ministério tomando posse na Igreja Congregacional de Monte Alegre, Pernambuco. Desempenhando suas atividades pastorais nessa localidade conseguiu arregimentar um bom número de fiéis mesmo diante das constantes perseguições sofridas. Como resultado de seu trabalho resolveu levar a mensagem de sua religião ao interior da Paraíba, chegando assim na cidade de Areia tendo como alvo a “salvação dos pecadores e o aperfeiçoamento do povo de Deus” (LEITÃO *apud* SILVA, 2012, p.105).

Quando da chegada do Reverendo Júlio Leitão em solo areiense, no mesmo ainda não havia nenhuma igreja evangélica. Conseguindo então se instalar inicialmente num sítio chamado de Mangabinha passou a evangelizar e fazer os primeiros prosélitos. Entretanto seu grande objetivo era abrir uma congregação na zona urbana. Seu projeto foi concretizado quando um convertido de nome Olegário de Brito adquiriu uma casa na Rua Professor Xavier Júnior.

Chegando a Areia, residiu, num sítio chamado Mangabinha por algum tempo, com finalidade de pregar o Evangelho do Senhor Jesus, e conseguiu ganhar umas poucas almas para o Senhor Jesus Cristo. Mas sua meta era abrir uma Congregação na cidade de Areia. É quando um novo crente adquiriu uma Casa na Rua do Sertão hoje Rua Prof. Xavier Junior, no local, onde hoje funciona o Correio da Cidade, na dita casa abriu-se o primeiro

salão de culto ao Senhor, por um bom tempo, se reuniam os servos de DEUS para o adorarem e para Pregar o Evangelho do Senhor¹⁴.

A compra dessa casa representou, sobretudo, estabilidade, haja vista que nesse momento a cidade tinha como pároco um vigário bastante intolerante que fomentava o preconceito religioso, não permitindo que seus fiéis alugassem casa aos membros da nova religião (ALBUQUERQUE, 1987). Além do mais, “se aluga-se uma casa pra instalar uma Congregação, a influencia do Frei Damião nos punha pra fora e na casa que o irmão comprou, o Frei não pode botar pra fora¹⁵”.

Como herdeiro da tradição congregacional ele organizou uma Igreja que possuía um governo eclesiástico, caracterizado como democrático, pois permitia a participação direta dos membros nas decisões. Ao mesmo tempo acabou forjando uma denominação legalista no que diz respeito aos usos e costumes, tendo como base doutrinária os *28 Artigos da Breve Exposição das Doutrinas Fundamentais do Cristianismo*: que nada mais são do que uma síntese teológica elaborada pelo Dr. Robert Reid Kalley. A teologia desses *28 Artigos* era cantada nos hinos, ensinada nos cultos e no ensino regular da igreja. Assim esses Artigos, bem como o hinário, se tornaram veículos de estruturação da tradição ao lado das Escrituras Sagradas. Júlio era calvinista em sua teologia, embora tivesse um jeito próprio de fazer teologia a partir das necessidades pastorais do dia a dia. Dedicado ao ensino e a pregação da Bíblia ele conseguiu ainda na zona rural arregimentar alguns fiéis católicos para sua crença, o que causou muitas insatisfações nas autoridades clericais de Areia, que viam no pastor uma ameaça a seus símbolos de poder, e a seus princípios doutrinários e religiosos.

Júlio pastoreou a congregação de Areia por dez anos, onde evangelizou diversas localidades, ao mesmo tempo em que se envolveu em discussões públicas enfrentando os que eram contrários a sua fé. Enquanto admirador da imprensa esteve envolvido na confecção de boletins e de artigos publicados em jornais e revistas para divulgação das “ideias protestantes”. Chegou a publicar um livro de memórias onde narra a sua saída do catolicismo para o protestantismo: “De Roma para Cristo ou da Morte para Vida”.

[...] o Ministério do Rev. Júlio Leitão de Melo, que teve por meta principal a sustentação das verdades eternas sem intransigência, firmeza bíblica, insistência e desassombro, mesmo diante de ferrenhos adversários. A veemência e eloquência desse... servo do Senhor fazia-se sentir, não somente nas áreas pastorais de Monte Alegre, Serra Verde, Areia e Caruaru, mas,

¹⁴ Diário do Presbítero José Marques do Ó, escrito em 1990.

¹⁵ Diário do Presbítero José Marques do Ó, escrito em 1990.

também, em praça pública, em ambientes os mais diversos, sempre que se fazia necessário investir contra os falsos mestres do seu tempo, apresentando-lhes com poder e autoridade os ensinamentos sacrossantos da Bíblia (CÉSAR, 1983, p. 125).

Homem de postura firme e bastante fervoroso no que diz respeito às suas crenças Júlio Leitão, se mostrou sempre disposto a defender o que acreditava, por isso acabou se envolvendo em algumas polêmicas e se tornou alvo de perseguições. Os seus envolvimento nessas discussões mostram um Júlio personalista e cioso das suas doutrinas. Durante sua estadia em Areia ele cumpriu sua tarefa de evangelizar e fazer novos catecúmenos, ciente de que tinha de se ocupar com a tarefa pela qual foi ordenado ao ministério.

No ano de 1934 o Reverendo teve que voltar para sua terra natal, e logo depois assumiu o pastorado da Igreja em Caruaru-PE, passando então a direção da congregação na cidade de Areia para o pastor João Clímaco Ximenes, pastor da Igreja Congregacional em Campina Grande, que através da Missão Evangelizadora do Nordeste, deu continuidade ao trabalho. Sendo assim não se pode atribuir somente a Júlio o esforço da conquista de espaços no campo religioso, sobretudo por que algumas famílias areienses, como os Jocas, se empenharam em disseminar as concepções doutrinárias do protestantismo.

O culto doméstico era outra prática comum dos primeiros protestantes, espaço familiar, por excelência usado para evangelizar vizinhos, amigos, parentes e empregados, e também como meio de reforçar, no dia-a-dia, a eficácia da fé professada, assim como seus valores. A simplicidade e a informalidade certamente atraíam os prosélitos... (SILVA, 2012, p. 153).

2.3. Embates: Júlio x católicos

Enquanto esteve em Areia, bem como em tantos outros lugares em que esteve, cumprindo sua tarefa de pregador, o Reverendo Júlio Leitão de Melo se envolveu em algumas querelas religiosas. Sua constituição física, sua personalidade enérgica, sóbria, possuindo uma fé firmada nas múltiplas experiências vividas o ajudaram a provar e enfrentar algumas situações adversas. Disposto a defender aquilo em que acreditava, e a garantir a liberdade de culto, que já estava assegurada por lei, ante a resistência da Igreja Católica, Júlio cercou-se com várias discussões, revelando assim seu espírito abertamente polêmico e anticlerical.

Podemos afirmar, em linhas gerais, que a luta do protestantismo por um espaço religioso na sociedade areiense desenvolveu-se em dois níveis: o proselitista e o polêmico. O

proselitista veio primeiro, pois foi a partir dele que a Igreja Católica sentiu a presença de fato dessa religiosidade, perdendo fiéis para a mesma. Essa prática tornava-se um confronto direto com o catolicismo, haja vista que se tratava da tentativa de converter os católicos à fé protestante. Esse era o objetivo do pastor Júlio Leitão: engrossar as fileiras da “sua” religião com novos conversos, além do mais, se tornar protestante era um “modo de vida” e aceitá-lo nos seus princípios de crença implica em mudança de padrões de cultura”, tendo-se que negar a sua “vida” anterior (MENDONÇA, 2008). Por isso são inúmeros os casos de neófitos que tiveram que se afastar da família, por terem abraçado uma nova religião, sofrendo a partir de então discriminação e menosprezo. Contendo em seu bojo o individualismo, essa atividade produzia também uma ética individualista, excludente, que acabava dando o suporte necessário para o conforto dos indivíduos desprezados pela família.

Em suma, o objetivo do proselitismo era convencer o ouvinte de um discurso contra outro. Diríamos que essa prática acabou levando os protestantes e os católicos ao nível da polêmica. Aos primeiros cabia então conhecer seu adversário que há séculos não se preocupavam com concorrências, e formar a melhor imagem possível acerca dele para que seus ataques não parecessem vazios. Quanto ao segundo não fugiu da rinha, pois queria defender seu território, não permitindo o crescimento dos protestantes. A polêmica que se estabeleceu no início do protestantismo em Areia, acabou sendo uma das principais características ao longo da sua história, assim como aconteceu em âmbito nacional.

Um dos primeiros acontecimentos que deixou registrado o espírito desafiador, enérgico, de Júlio quanto às concepções do catolicismo, foi quando resolveu desafiar o padre (que chamava a Bíblia que ele usava de “Bíblia dos bodes”) para um debate, pois desejava provar que a Bíblia em que acreditava, era verdadeira diferente do que o clérigo dizia e anunciava nas missas. As fontes que analisamos mostram que o padre ficou enfurecido com a ousadia do pregador, e por isso durante as missas aumentou os ataques ao membro dirigente da “nova seita”, passando logo depois a persegui-lo.

As autoridades da Igreja Católica começaram a queimar as bíblias e chegaram a expulsar o referido pastor de algumas localidades em que ele militava, pretendendo intimidá-lo. No entanto convicto da sua tarefa, do exercício ativo do ministério pastoral, o Reverendo continuava a confrontar as doutrinas católicas, que “sempre menos envolvido por esses amplos enquadramentos” religiosos se “destacava deles sem poder escapar-lhes, e só lhe” restando “a astúcia no relacionamento com eles” (CERTEAU, 2013). Observamos então um indivíduo que através do seu discurso procura garantir seu espaço religioso, negado pelo

outro. Destarte, o seu proceder acaba paulatinamente também por instaurar uma espacialidade doutrinária que nega o outro. Por isso é que a possibilidade de convencer o outro se torna tão importante, pois se procura levá-lo para o caminho da verdade, tirando-o da inverdade.

O principal motivo desses enfrentamentos reside no fato do menosprezo dado ao que se mostrava como diferente. Assim Júlio enquanto pastor que adentra em uma sociedade que não comunga com suas opiniões, vê o outro com indiferença, não reconhecendo no outro seus valores cristãos, e por isso considera que é necessário levar a salvação, a conversão a esses indivíduos que não a possuem. A mesma coisa acontece com o clero católico, ou seja, é um rechaçando o outro.

Outro acontecimento que marcou a vida dos protestantes que viveram naquele período e em especial o pastor Júlio Leitão foi quando eles estavam reunidos em um culto e receberam a informação, mandada por Sebastião Maia, fazendeiro muito importante, que deveriam acabar logo com aquela reunião que eles estavam realizando, do contrário ele mesmo resolveria a situação. Sebastião era o homem rico, que tinha como informante um compadre conhecido como Peba. Era ele o “Peba véi, era quem corria pra dizer a cumpade Basto, que os crentes vinham”¹⁶ realizar culto. Essa notícia logo se espalhou, causando grande tumulto, a tal ponto dos participantes do culto desejarem até enfrentar o homem. Entretanto tudo foi apaziguado com as palavras do Reverendo que acalmou os ânimos dizendo que iria tomar as medidas cabíveis, exigindo das autoridades alguma ação.

Júlio ficou muito conhecido, no seu Estado natal onde quando jovem esteve presente enquanto debatedor em vários embates e logo depois como pastor ordenado. Esteve em muitas localidades da Paraíba, passando por sítios, distritos e cidades pregando e expondo sua cosmovisão religiosa. Foi uma personalidade bem relacionada, em uma ocasião teve o convite de ir até a cidade de Catolé do Rocha, defender suas concepções em uma conferência sobre a Bíblia com o padre da cidade, que já havia sido deputado. O confronto aconteceu com a presença dos dois debatedores, que com seus argumentos animavam as pessoas que haviam ido assistir ao debate.

Enquanto exerceu o ministério pastoral, e até mesmo antes dele quando era jovem, Júlio Leitão se envolveu em vários episódios em que teve que enfrentar os que lhe contradiziam, buscando, sobretudo, garantir a possibilidade de se expressar, em contraposição a hegemonia católica. Certa ocasião, quando se encontrava expondo suas concepções religiosas, no distrito de Pocinhos, para um auditório em sua maioria católico, foi tão bem

¹⁶ Entrevista cedida por dona Valdecir em 16/12/13

aceito que o número de conversos foi tão grande que acabou gerando um excesso de fúria no padre. Esse sacerdote, indignado com o pastor, lhe disse impropérios. Como consequência o clérigo romano decidiu entrar em debate com Júlio. Marcado o dia do debate Júlio foi para o distrito, entretanto acabou sendo informado que o reverendíssimo não se encontrava em casa, para decepção de uma grande multidão que espera pela altercação.

Dias depois de chegar a Areia, Júlio leitão foi surpreendido por uma literatura escrita pelo Vigário, que já tinha conhecimento da vinda do pastor. Esse boletim tinha como título “O protestantismo, religião do Diabo”, que acabava atacando a moral dos protestantes. O Reverendo não conseguiu se conter, se via na obrigação de responder ao insulto (CÉSAR, 1983). Entretanto não precisou tomar nenhuma atitude, pois logo foi convidado para um debate, para expor biblicamente os argumentos que possuía para refutar ao Sr. Vigário. Segundo as fontes que pesquisamos, nesse debate estavam presentes alguns espíritas que gostaram tanto das concepções do pastor que o convidaram para um ciclo de conferências que estavam realizando na cidade. De pronto ele se propôs a ir, desde que pudesse apartar os conferencistas.

A Igreja Católica e seus dogmas foram um alvo constante das críticas empreendidas pelo Reverendo Júlio, e os seus fiéis eram confrontados com o dia-a-dia da sua religiosidade e levados a tomar uma posição. Assim a oposição à cosmovisão católica foi um dos motes dos protestantes em Areia. A discussão dos assuntos levava a polêmica ao conhecimento de todos participantes da sociedade areiense, quer letrados ou iletrados, que participavam dos debates.

Na Areia católica, analisada no capítulo 1, percebemos que enquanto sujeito histórico detentora de certos códigos religiosos a Igreja conseguiu exercer, mesmo que indiretamente, um poder sobre os indivíduos que não os dominavam. Por esse fato, e por tudo que foi exposto no referido capítulo, observamos que o poder também se faz presente no campo religioso, assim como em outros universos. Esse poder não é visível, para que todos vejam sua existência, mas ele está lá enredando os sujeitos. Contudo, “constata-se, nos discursos, o retorno sub-reptício de uma retórica metaforizada dos “campos próprios” da análise científica” (CERTEAU, 2013, p.50). Pegando esses termos emprestados de Certeau tomamos conhecimento que em toda prática discursiva, ocorrerá um retorno sub-reptício¹⁷. Então mesmo diante da ordem imposta pelo catolicismo, a reciprocidade, no sentido de resistir para se conseguir viver, também se faz presente por parte do outro. Assim sem cessar Júlio se valeu das forças que lhe eram estranhas, de forças que lhe eram impostas. E através de seu

¹⁷ Retorno sub-reptício é uma expressão usada por Certeau para se referir aos atos feitos as ocultas, os atos furtivos, realizados dentro da relação discursiva.

discurso ele consegue tanto convencer novos clientes, rompendo com a regra dominante, quanto estabelecer uma maior relação com seus seguidores.

Mesmo estando acostumado desde a juventude, no Estado de Pernambuco, em tomar parte nas discussões contra o catolicismo um episódio em específico o abalou sensivelmente enquanto esteve em Areia. Esse fato demonstra os atritos que Júlio Leitão teve que enfrentar diante de um espaço religioso que lhe era totalmente estranho, já ocupado por outra religião.

[...] naqueles tempo já idos, quando o chefe político mandava em tudo e o padre da freguesia, quando queria, era o Senhor onipotente, usando muitas vezes, infelizmente, o ódio em vez do amor, ... Naqueles tempinhos já recuados, havia um vigário bastante intolerante, em Areia que seguia justamente o contrário da orientação ditada depois pelo doce João XXIII ... Basta lembrar que morreu em Areia uma criança, filho de um protestante (Júlio Leitão) e o aludido vigário não quis permitir que o inocente menino fosse enterrado no cemitério local. O incidente teve muita repercussão e finalmente o bom senso venceu a lamentável intolerância religiosa da época (ALBUQUERQUE, 1981, p. 69).

Essa citação foi à única que encontramos relatada por um católico de muita influência na cidade de Areia. De todos os livros que pesquisamos nenhum mencionou algum acontecimento que tenha posto a Igreja Católica como detentora de poder, capaz de rechaçar os que lhes eram contrária, diferentes. Os escritos de Horácio e José Américo de Almeida, que são as fontes primárias para qualquer trabalho sobre a história da referida cidade, mesmo enfatizando em alguns momentos os desmandos do catolicismo não conseguiram deixar registrados nenhum episódio que mostrasse essa religiosidade enquanto instigadora do preconceito contra qualquer religião que se instalou na sociedade areiense. A citação a cima é o único relato sobre esse acontecimento, fora dos nichos protestantes.

No ano de 1926, quando estava com 44 anos de idade, o Reverendo Júlio Leitão perdeu uma filha de 3 anos, e o Vigário impedira o seu sepultamento no cemitério da cidade por ela não ter sido batizada de acordo com as normas católicas. Em vão os convertidos pediram as autoridades eclesiásticas locais permissão para enterrá-la. Tendo que enfrentar esse momento de luto, vendo sua filha ficar 3 dias em casa sem poder ser sepultada, e buscando dar um jazigo digno a sua filha, o pastor foi em busca dos seus direitos junto às autoridades da Paraíba para anular a atitude tomada pelo clérigo. Vejamos um depoimento acerca desse fato:

[...] a minha irmã contava, os outros pastores que viam, liam o livro dele, explicavam como foi a história com a padre que fez isso e depois morreu,

foi o padre que batizou minha família quase toda, e esse foi o que não deixou enterrar. Pedro Joca me contava essa história dizendo “ohh irmã eu sofri tanto por que o pastor que veio de Recife era um homem de fibra e a filhinha dele morreu e não queriam que enterrasse, ele ainda foi em João Pessoa, deixou a filha no caixão, tirar uma ordem. Ele um homem educado foi em João Pessoa já com 3 dias de morte”, era o que eu ouvia eles dizer (FRANCISCA DE OLIVEIRA, 2014).

Dona Francisca de Oliveira, em nossa entrevista, ressaltou que provavelmente esse foi o motivo que levou o pastor Júlio sair de Areia e voltar para Pernambuco. Em seu depoimento ela lastima-se bastante pelo acontecido, demonstrando o quanto ele foi doloroso aos que o presenciaram, bem como a todos os membros da Igreja que só ouviam falar dele. Pelo que analisamos, esse episódio acabou se tornando uma espécie de bandeira, usada pelos protestantes para mostrar os desmandos da Igreja Católica. Podemos concluir isso por que todos os nossos depoentes falaram dele, sem nem ao menos entrarem em contradições.

É importante lembrarmos que as leis brasileiras, desde início do século XX, permitiam o sepultamento de protestantes em cemitérios que outrora eram ligados a Igreja Católica, havendo uma maior abertura no que diz respeito às questões jurídicas, legais, mas no campo social poucas coisas mudariam, pois ainda a sociedade era eminentemente católica e recusava-se a aceitar o convívio com outras religiosidades. Então em muitas situações essas leis não foram respeitadas. É óbvio que o que aconteceu em Areia não foi regra pra todas as localidades do Brasil, haja vista que como mostra Mendonça em seu livro “O Celeste Porvir” desde a Colônia, quando ainda não existiam cemitérios para protestantes, os mesmo eram enterrados. Segundo esse autor os sepultamentos provavelmente aconteciam por haver “aqui e ali tolerância por parte da Igreja Católica, por que caso contrário os cemitério protestantes teriam sido mais numerosos” (MENDONÇA, 2008).

Todos os relatos encontrados nessa pesquisa sobre esse caso mostram que foi um acontecimento que chamou a atenção de toda a sociedade, chegando a ser considerado até por alguns católicos como um ato de intolerância religiosa. Sabemos que o aludido pastor conseguiu sepultar sua filha, depois de ter ido buscar a ajuda de algumas autoridades políticas do Estado, mas não conseguimos nenhuma fonte que mostrasse a relação que ele tinha com essas autoridades. Entretanto percebemos que o protestantismo em Areia foi sendo, paulatinamente, aceito e respeitado por alguns indivíduos da “alta” sociedade, que provavelmente podem ter ajudado Júlio na mediação com os políticos do Estado.

Envolvido nessas querelas religiosas, contra uma religiosidade diferente da sua, e mostrando-se sempre disposto a enfrentar os que lhe eram contrario, acabaram forjando na

memória dos congregacionais areienses a imagem de um Júlio Leitão herói, vencedor nessas “batalhas santas”. Essa imagem do reverendo é tão forte que até mesmo os que não presenciaram esses episódios, descritos nesse capítulo, fomentam esse estereótipo acerca dele. Basta darmos uma olhada em alguns livros como o *Sesquicentenário do Congregacionalismo Brasileiro*, do Rev. Geraldo Batista dos Santos, *O Congregacionalismo no Brasil: Fatos e Feitos Históricos*, do Rev. Salustino Pereira César e o *Pendão Real: Esboço Histórico da “Igreja Evangélica de Monte Alegre”*, de José Bonifácio de Souza e Silva e veremos que a representação que eles fazem de Júlio é a de um herói. É importante destacar que esses escritos, resultado das tradições protestantes inventadas com o passar dos tempos, contribuíram para a construção da identidade congregacional local. E foi exatamente sobre esse auspício, de possuir um líder fundador extraordinário, que o congregacionalismo em Areia se desenvolveu.

De uma forma ou de outra, a ação evangelizadora de Júlio, bem como todas as situações que lhe foram adversas acabaram traçando os caminhos da expansão protestante em Areia, e sem sombra de dúvida foi de suma importância para o rápido conhecimento por parte da sociedade areiense dessa nova religião. Sem falar no papel de suma importância dos novos convertidos que depois de mudarem de religião estavam dispostos a defender e resistir, mesmo de forma camuflada, indireta, aos que lhes eram contrários.

CAPÍTULO III

PRÁTICAS E TÁTICAS: DESENHANDO TRAJETÓRIAS

3.1. (In)versões cotidianas

Um grupo de pessoas que depois de serem batizadas recebiam todas as prerrogativas de membros, e que se reuniam regularmente para os cultos, para as ministrações dos sacramentos e para aprendizagem religiosa, constituía a igreja protestante que surgia em Areia na primeira metade do século XX. Os fiéis tinham a prática de se reunirem nas casas uns dos outros, o que ajudava no ato de evangelizar outras pessoas. Em número bastante pequeno, os conversos tiveram que enfrentar a ordem religiosa vigente na cidade.

A pequena comunidade religiosa desde o seu início teve uma grande aceitação por parte dos “anônimos”, os quais Michel de Certeau chama de “cultura ordinária”, de “homens comuns”. Mesmo quando o Reverendo Júlio Leitão conseguiu uma casa na cidade, para realizar os cultos, e continuou com o trabalho na zona rural, a membresia era formada por agricultores, comerciantes que trabalhavam na feira, vaqueiros, capatazes e donas de casa. Esses personagens tornaram-se os “murmúrios da sociedade” areiense, na medida em que se constituíam em um “não lugar”, no espaço do “outro”, criação fugidia, agenciada a partir do desvio no uso dos produtos recebidos.

A uma produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde outra produção, qualificada de ‘consumo’: esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios, mas nas maneiras de empregar os produtos impostos [...] (CERTEAU, 2013, p. 39).

Nesse sentido, baseados na escrita de Michel de Certeau, percebemos que mesmo que um sujeito domine certos códigos (Igreja Católica) a tal ponto de exercer poder, mesmo que indiretamente, sobre os demais que não os dominam (Igreja Congregacional), essa situação de controle não paralisa necessariamente a criatividade humana. Assim este último resiste, até de forma silenciosa, trazendo a luz inventividades que lhe possam garantir a sobrevivência na selva das condições que lhes são impostas pelo sistema.

Utilizando a História Oral como recurso metodológico, e partindo do pressuposto que a mesma facilita e pode dinamizar o trabalho dos pesquisadores, pois as verdades que a amparam se baseiam nas memórias que foram forjadas a partir de discursos cotidianos, vejamos o seguinte depoimento:

Eu fui criada com meus avôs. Aí meu avô tinha muita raiva de crente. Lá da casa do meu avô a gente escutava eles cantando. Meu avô ficava morrendo de raiva. Ele não queria que eu nem escutasse, mas eu era pequena ia devagarzinho por ali assim, escondida pra escutar. O povo chamavam de bodes. O povo tinha uma raiva quando via os crentes cantando um hino, o povo era ruim. (BATISTA, 2013).

A senhora Batista é filha dos primeiros católicos que se converteram a fé protestante em Areia. Quando o seu pai (José Joca) se converteu, ela vivia na casa dos avós que professavam o catolicismo como religião. Só depois de alguns anos, a sua mãe (Dulcelina) se converte, e mesmo assim, segundo o depoimento da nossa colaboradora, seus avós, sobretudo o seu avô, “tinha muita raiva de crente”. A notícia da conversão de seu Zé Joca foi algo que logo se espalhou por toda cidade. Entre parentes e amigos essa notícia teve grande repercussão. Os seus sogros ficaram tão revoltados quando souberam que ele havia deixado a religião em que fora criado, que não permitiam nem que sua neta (Batista) ouvisse os cultos.

Começou-se então a forjar no seio da família na qual a senhora Batista vivia, a ordem de não se envolverem com os “bodes”. A regra era não se relacionar com os protestantes, pois quem fizesse isso, não era bem visto pela sociedade. Esse preconceito contra essa “nova seita” por parte do avô da nossa entrevistada era tão claro que logo depois da conversão do seu pai, a primeira coisa que seu avô materno fez foi ir a casa dele e pegar “minha mãe e levou pra casa dele. Pois não queria que sua filha continuasse casada com um protestante. Meu avô tinha maior raiva dos crentes, pois era muito católico”. Até o próprio pai de seu Zé Joca ficou contra ele “o pai dele pegou o gado, e o meu avô pegou minha mãe e levou pra casa dele”. Esse fato acabou parando nas vias judiciais, onde foi aberto um processo de desquite para separar de vez o casal (Ibid, 2013).

Entretanto, mesmo sob essa ordem, tanto a senhora Batista quanto a sua mãe (Dona Dulcelina) conseguiram burlá-la. Vemos a partir do depoimento da primeira que mesmo estando sob os cuidados dos avós, tendo que lhes respeitar, ela acaba por criar “para si um espaço de jogo para maneiras de utilizar a ordem imposta do lugar” (CERTEAU, 2013, 87). Ou seja, estando envolvida pelo discurso religioso, acaba por não se limitar a ele, conseguindo se destacar dando-lhe “golpes”, desenvolvendo sua capacidade criativa a partir do que Certeau chamou de antidiplina. Não muito diferente também fez sua mãe. De acordo com a nossa entrevistada mesmo estando separada do marido “ela só se lembrava de José” (pai da senhora Batista) e “ficava olhando no terreiro, quando “dé fé dizia ah lá vai José, com saudade, a casa fica perto”. Mesmo tendo a reprovação dos pais para continuar casada com seu Zé Joca dona Dulcelina sofrendo com saudade do esposo escreveu um bilhete pra ele falando sobre tudo,

querendo voltar pra ele. “Ela não se separou com gosto não, foi por causa do pai que colocou ela pra casa”. Dona Dulcelina acabou voltando pra sua casa, e em ato de protesto seu pai decidiu não visitá-la mais. (BATISTA, 2013).

Neste sentido é preciso reconhecer que “somos seres afetados pelo passado”, e que, em muitos casos, discursos e práticas do passado nos chegam enquanto uma *herança* (RICOEUR, 1997). Mencionando Paul Ricoeur, em sua dissertação de mestrado o historiador Daniel Ely Silva Barbosa afirma que:

Em muitos casos a tradição ressalta um passado que não fizemos, mas que chega até nós, mas, para que um acontecimento fundador (no caso do protestantismo a Bíblia) afete o ser, ele precisa estar vinculado a ele pela tradição-transmissão, dependendo assim de um passado que ultrapasse a memória individual, para assim atravessar a distância temporal (BARBOSA, 2009).

Em sua escrita Barbosa lança a hipótese de que os participantes do protestantismo pensam a sua relação com o sagrado na perspectiva de herdeiros das orientações presentes na literatura bíblica, de forma que estes fiéis consideram-na “o referente” para estabelecerem sua relação com Deus e com o mundo.

Avaliando os parágrafos anteriores desejamos argumentar que, em muitos casos, discursos e práticas do passado nos afetam. Trazendo tais questões para a nossa pesquisa, é possível perceber que pelo fato do catolicismo ter toda uma tradição que remonta a longa data na cidade de Areia (e que o mesmo marcou a vida de boa parte dos seus habitantes) a presença do protestantismo, do “outro”, ao longo das décadas de 1920 a 1970, não foi muito bem aceita por uma boa parcela desta população.

Na empreitada da presente pesquisa, encontramos um relato que acaba também por provar que as concepções de mundo que soassem dissonante das ordens, e dos símbolos cristãos católicos eram marginalizadas, na Areia do final do século XX. O livro na Intimidade do Brejo de Areia, escrito por Newton Marinho Coelho¹⁸, possui o seguinte relato:

Essa história de ateísmo, seu Pedro levava muito a sério, não perdendo oportunidade e não respeitando lugar para demonstrar sua incredulidade ao tempo que se encarregava de deitar falação em cima de padre, freira, beato, em fim, todas as pessoas que tivessem de forma direta ou mesmo indireta, qualquer relacionamento com a Igreja (Ibid, 2001, p. 181)

¹⁸ Newton Marinho Coelho é engenheiro agrônomo, nascido na cidade de Santa Luzia do Sabují, e já foi Secretário Adjunto da Agricultura do Estado da Paraíba.

Pedro era um areiense que por muito tempo da sua vida professou o ateísmo, e que em toda situação oportuna fazia questão de falar das histórias relacionadas às vítimas da inquisição, objetivando mostrar as barbaridades feitas pela igreja em nome de Deus, e também justificar seu ateísmo. Entretanto ele dedicava uma repulsa especial ao pregador, Frei Damião, da ordem dos Capuchinhos, que era muito prestigiado pelos cidadãos areienses, sobretudo por possuir uma maneira bem simples, e humilde de pregar a palavra de Deus, tornando-a acessível a todos. Em toda Paraíba corriam boatos de que esse religioso realizava curas e milagres como flutuar diante da multidão. Nas conhecidas Santas Missões, que realizava nas cidades do Nordeste, ele recebia de alguns féis grandes quantias de dinheiro, que eram dadas como prova da gratidão desses indivíduos pelos milagres por ele realizados.

Isso tudo, que pra uns eram provas da santificação do beato, para Pedro não passavam de charlatanice do frei, e ao mesmo tempo tais acontecimentos se tornavam em argumentos para ele se dirigir contra a Igreja Católica em árduas críticas. Ele dizia “se ele (Damião) fosse bom e existisse Deus, por que os dois não faziam o contrário: trazendo as coisas para os pobres de Areia ao invés de levá-las” (Ibid, p. 183-184). Assim a fala desse cidadão era vista por toda população como heresia, pois ia de encontro com as verdades estabelecidas pela Igreja de Roma.

Newton continua mostrando que em uma das missões realizados por Frei Damião em Areia um grupo de paroquianas se encontraram com ele e contaram que na cidade existia um homem rico, dono de várias lojas, que vivia com um único propósito: denegrir a imagem do “santo”. Quando o beato ouviu a denúncia feita pelas fiéis não respondeu nada, o que casou uma grande decepção, pois elas esperavam uma resposta. Entretanto, depois de passados alguns dias e chegando o momento de partir da cidade, o Frei fez o seguinte lembrete: “constitui pecado mortal e vai direto para o inferno, quem comprar ou pelo menos entrar na loja de ateu, essa gente deve ser totalmente desprezada pela sociedade, pois faz parte de satanás” (Ibid, 2001, p. 184). Essa única frase do religioso levou seu Pedro Marinho a fechar as portas do seu empório.

Depois de algum tempo, Pedro conseguiu lentamente se erguer psicologicamente, mesmo financeiramente falido. Entretanto em uma noite ele acordou gritando o nome de Padre Cícero, o que causou grande espanto nos seus familiares, pois conheciam o comportamento ateu do líder familiar.

Maquinando em se livrar da maldição feita pelo frade ele se propôs em viajar pra o Juazeiro, em busca da ajuda dos beatos de Padre Cícero. Dias depois Pedro realiza a viagem.

Chegando ao Juazeiro ele recebe o conselho de um religioso para comprar um caminhão repleto de imagens de Padre Cícero, quadros, amuletos, rosários e broches. Ele acatou o conselho, e depois de arrumar o caminhão com essa “mercadoria”, partiu para a Paraíba, chegando a Areia após três dias de viagem. A cidade ficou assombrada quando viu Pedro em um caminhão repleto de santos e logo depois descarregando os mesmos em sua loja. A notícia correu logo e depois de uns dias ele conseguiu novamente fregueses para suas lojas.

A tática desse personagem funcional, pois resistiu ao discurso de Frei Damião, se valendo da figura de Padre Cícero que era tão respeitado quanto o Frei, por muitos nordestinos. Questionado por um amigo se ele não estava abandonando o ateísmo ele respondeu “é o jeito [...] tenho mesmo é que usar as mesmas armas dele (Frei Damião) se não a luta fica desigual e não vou perder de forma alguma essa batalha para aquele barbudo de saia” (Ibid, 2001, p 186).

É claro que a proposta deste trabalho é pesquisar sobre as “regras e lances”, as “práticas”, as “criações”, e as “resistências sub-reptícias” dos protestantes congregacionais em uma sociedade que já tinha desde a sua fundação sua própria concepção religiosa. Mesmo assim, pensamos que trazer essa história de Pedro Marinho para que a partir dela possamos avaliar os discursos católicos que se mostravam hegemônicos, e acabavam por rechaçar todas as práticas que de uma forma ou de outra lhes fossem contrárias. E, em nossa análise, não temos por intuito especular se o referido personagem histórico teria ou não se convertido ao catolicismo. O que nos interessa é compreender o papel que ele desempenhou na referida comunidade. Partindo das fontes que pudemos avaliar percebemos que a cosmovisão de Pedro colocava em perigo o discurso católico, por isso era preciso eliminá-lo. De modo que vendo-se na iminência de perder tudo que havia conquistado em sua vida, através de muito trabalho, esse comerciante chegou a forjar sua devoção a Padre Cícero, para só assim vislumbrar a possibilidade de ascender novamente ao posto de grande comerciante. Ou seja, Pedro conseguiu se reapropriar do discurso existente, para dessa forma torná-lo comum a sua própria vida. Vemos então que a “cultura ordinária” utiliza suas táticas conforme as estratégias do outro. É exatamente a partir desses dois conceitos – tática e estratégia – que podemos tomar conhecimento de que as possíveis relações de poder são articuladas socialmente.

Chamo de ‘estratégias’ o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de quere e poder é isolável de um ‘ambiente’. Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e portanto capaz de servir de base a uma gestão de suas relações como uma

exterioridade distinta. A nacionalidade política, econômica ou científica foi construída segundo esse modelo estratégico. Denomino, ao contrário, ‘tática’ um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distancia. Ela não dispõe de base onde capitalizar os seus proveitos, preparar suas expansões e assegurar uma independência em face das circunstâncias. O ‘próprio’ é uma vitória do lugar sobre o tempo. Ao contrário, pelo fato de seu não lugar, a tática depende do tempo, vigiando para ‘captar no voo’ possibilidades de ganho. O que ela ganha, não o guarda. Tem constantemente que jogar com os acontecimentos para os transformar em ‘ocasiões’ (CERTEAU, 2013, p. 45-46).

Por meio dessa discussão, e tomando como exemplo as relações de poder anunciadas acima, observamos que os indivíduos dessas relações fazem uso de algumas artimanhas para sobreviver dentro de um campo “próprio”. Com frequência esses personagens, procuram e conseguem tirar partido das forças que lhes são estranhas, que lhes são impostas. Dessa troca, dessa relação, os sujeitos se apropriam, cada um a sua maneira, deste “lugar de poder”, elaborando sua “arte de existência”. Não sucumbindo, antes criando, de formas múltiplas, suas maneiras de habitar os espaços a partir de “mil maneiras de caça não autorizada” (CERTEAU, 2013).

Nesse contexto é importante também salientarmos que a população católica areense se posicionava como guardião da sua religião, frente ao possível crescimento do protestantismo, rebatendo-o através de seus códigos, discursos e práticas. Sendo esse procedimento à base da postura de distanciamento de uma cultura em relação à outra, ações postas em prática quando irrompe o “novo”.

No livro *Zé Joca: Sua História e Suas Memórias em Versos*, o Geraldo Máximo Elias conta que em Areia, na década de 40, existia um homem, conhecido como Chicó Guaíba, que era muito conhecido por sua valentia, e por perseguir os crentes. Certo dia esse indivíduo encontrou Chicó Cajú, um agricultor novo convertido ao protestantismo que morava no sítio onde Júlio Leitão implantou a primeira Igreja Congregacional em Areia, em uma das estradas que dava acesso a cidade. Valendo-se do fato desse neófito estar só, na estrada a cavalo, Chico Guaíba o fez descer do animal e fazer o sinal da cruz, ou seja, um sinal próprio da prática católica. Depois de ter feito isso Guaíba saiu espalhando aos amigos sua valentia. Quanto a esse fato a senhora Batista diz: “A perseguição era tão grande que um dia Chicó Guaíba, que era católico, fez Chicó Cajú, que era crente, se ajoelhar e fazer o sinal da cruz” (Ibid, 2003). “Os conhecimentos e as simbólicas impostos são o objeto de manipulações pelos praticantes que não seus fabricantes” (CERTEAU, 2013, p. 89). Conta-se que à valentia desse

indivíduo era tão grande que estando na feira da cidade de Arara onde foi abordado por um pregador protestante, dirigente da Igreja Assembléia de Deus, de nome José Rodrigues, ficou tão revoltado com a petulância do religioso que lhe deu uma chicotada nas costas (ELIAS, 2003).

Analisando a fala da nossa entrevistada especificamente acerca desse caso e as fontes bibliográficas, observamos que mesmo tendo sido obrigado fazer o que fez, Chicó Cajú, não abandonou a fé que havia aceitado. Logo depois do acontecimento ele voltou para sua comunidade de fé e relatou tudo, sendo bem aceito, recebendo o apoio de todos. Esse fato na realidade acabou por causar uma grande insatisfação aos poucos membros da Congregacional que depois tiveram a oportunidade de refrescar a memória de Guaíba acerca da humilhação que havia causado a um de seus irmãos na fé.

A partir da atitude de Chicó Cajú, ante à violência alheia podemos ouvir ruídos de uma antidiciplina, de uma tática que se reapropria da dominação, do poder, da opressão, buscando sua própria sobrevivência. Ele conseguiu gestar um processo alternativo, de inventividade, a revelia do processo dominante, “deslocando a atenção do consumo supostamente passivo dos produtos recebidos para a criação anônima, nascida da prática do desvio no uso desses produtos” (CERTEAU, 2013, p.12). Pois “não devemos tomar os outros por idiota” (Ibid, p. 19). Eles criam inventividades, mesmo que pareçam imóveis e desarmados em face das estratégias do forte. A única possibilidade que Chico vê para sobreviver é fazer o que o outro lhe ordenava, ciente que sua atitude não iria afastar das concepções que já havia abraçado, e por isso mesmo logo depois volta as suas atividades religiosas, demonstrando de forma silenciosa, sem afrontar ninguém, que continuava convicto de suas crenças.

Outra colaboradora que nos ajudou na presente pesquisa foi Francisca de Oliveira, que nos relatou a seguinte história:

Um dia minha irmã, quando estudou ali na rua do teatro, novinha, e já tinha essa seita aí, como eles diziam que era seita né, ali onde é aquela Igreja Universal. Disse que era ali a Igreja desse homem, Júlio Leitão. Ele tinha o trabalho no sítio mais também abriu ali, pra trazer a história pra rua. Aí minha irmã começou estudando na rua do teatro e se juntou com umas coleguinhas e na hora do recreio, na aula disse assim, “vamos dar uma fugida e vamos lá na casa da Igreja Seca, aí elas não entendiam o que era isso e foram, pela decida do Quebra. Minha irmã mais velha saiu sem a permissão da professora, saiu escondida. Aí chegando lá elas assistiram o trabalho, da missa seca, era o apelido que Areia dava. Ela assistiu, aí quando voltou pra escolar depois do recreio a professora disse “pra onde foi”?, ela era tão inocente que disse fomos pra missa seca, ela disse menina pelo amor de Deus não vá pra esse canto não que isso é do diabo. Ela disse “mas eu fui escondida”, aí a professora falou “você merecia um castigo, mas vou dizer

ao seu pai pra dá uma pisa”. Meu pai quando chegou, era ignorante, ele chegou e ela disse olhe seu Pinheiro, era meu pai se chamava José Pinheiro, olhe Severina foi pra missa seca escondida de mim, você tem que dá uma pisa nela pra ela nunca ir. Mas ele queria muito bem a ela, era a filha mais velha, isso era ela que contava, aí ele disse “não, não vou dá pisa não mais vou dá um castigo, mas se ela teimar em ir lá aí eu dou uma pisa” (Ibidi, 2014).

Quando estávamos entrevistando a senhora Francisca, ela fugiu da pergunta que fizemos e de repente ela começou a contar essa história. Isso nos faz lembrar o que Pinsky (2005) diz: “não se pode querer que uma única entrevista ou um grupo de entrevistados dêem conta de forma definitiva e completa do que aconteceu no passado”. Sobretudo por que esse tipo de fonte não é uma revelação do real, ela não é a própria “História”, à “verdade do povo”, e o trabalho transcrito não se constitui o resultado legítimo e final de uma pesquisa, pois enquanto fonte ela é mais uma informação, mais um discurso que necessita de interpretação e análise. Pegando como exemplo a entrevista feita a dona Francisca percebemos também que o entrevistado enquanto sujeito parcial acaba por silenciar, omitir, e driblar o entrevistador para não dar respostas que de uma forma ou de outra possam lhe comprometer.

Voltemos então para a entrevista. De acordo com a senhora Francisca, que já professa o protestantismo a 58 anos, quando ela se converteu não sofreu nenhum tipo de perseguição, pois vivia muito dentro de casa, mas naquele tempo ninguém queria saber de ser crente, pois todos achavam que era coisa do diabo. Assim quando seu pai soube que a irmã dela havia ido para o culto protestante ficou muito revoltado com a filha, só não bateu nela, segundo nossa colaboradora, por que gostava muito, entretanto lhe prometeu uma surra se ela voltasse novamente aquele lugar. Dona Francisca foi a terceira pessoa a se converter de sua família, depois de seus dois irmãos. Mesmo assim ela percebeu que apesar disso os pais dela não a viam com bons olhos, inclusive sua irmã que “tinha aquele desgosto por nós sermos crentes, mas não dizia nada”. Segundo nossa colaboradora certo dia um pregador chegou perto da sua irmã e disse “dona Severina, as pessoas chamavam ela Bil, a senhora não tem vontade de ser crente não” ela disse “não meu pai nunca quis e eu nunca vou ser dessa lei”. Apesar de perceber que não tinha a aprovação dos pais para deixar sua religião de origem, dona Francisca e seus irmãos “abandonam sua fé” e se convertem ao protestantismo (FRANCISCA, 2014).

A senhora Francisca de Oliveira em sua entrevista nos falou sobre a importância da Igreja Congregacional em Areia, todavia a coisa que ela mais salientou foi que o surgimento dessa igreja simbolizou, sobretudo, a mudança de comportamento de seus irmãos. Partindo das experiências que havia passado com os irmãos quando bebiam ela ressaltou que a

conversão deles trouxe um maior alívio para seus familiares, já que eles passavam o dia todo bebendo, nos finais de semana, dando trabalho a eles. Segundo o depoimento dela um de seus irmãos chegou a se converter quando estava bêbado.

Depois de analisarmos essa história podemos perceber que mesmo sendo um princípio ético protestante a questão de mudança de comportamento depois da conversão, no caso dos irmãos da senhora Francisca, o fato de abraçarem outra fé, e perceberem que seus pais de uma forma ou de outra não aprovaram essa mudança, eles sentiram a necessidade de se mostrarem como diferentes, pois a partir de então não eram mais católicos. A mudança de religião para nossa colaboradora representou a melhoria do caráter dos seus irmãos. Como resultado eles conseguiram não só levar ela para o protestantismo quanto o resto dos seus familiares. O princípio da mudança de comportamento está baseado na ideia de se mostrar diferente em relação ao outro. Essa concepção de vida não vê a ordem estabelecida como algo inexorável, com sentido fatalista, resignificando inclusive sua nova religiosidade. Assim vejamos o que Silva nos diz:

Os primitivos adeptos da fé reformada no Brasil não foram elementos passivos na expressão de sua religiosidade. Antes, conceberam outras interpretações, conformaram-se e resistiram e mesmo construíram estratégias de auto-afirmação dentro dos limites morais, éticos e religiosos impostos. Transitando por entre os espaços sociais estruturadores de sua realidade cotidiana, reafirmaram-se como agentes ativos de suas histórias de vida (Ibid, 2011, p. 160).

Entretanto esse é um tema pra outro trabalho, cabendo aos interessados, sobre o tema presente, pesquisarem e fomentarem os estudos nesse campo.

Dona Valdecir Batista nos contou que para ela casar foi muito difícil, pois seus avós diziam que eu ela ia se “inutilizar casando com um protestante”. (BATISTA, 2013) Ela contraiu casamento com seu Felinto Batista, que já comungava dessa nova fé. Isso casou muita revolta nos avós dela. Segundo a mesma, ela só conseguiu casar e até mesmo se converter ao protestantismo quando deixou a casa deles. Em seu depoimento essa senhora deixou claro que gostava muito dos seus avós maternos, entretanto a única forma de se casar e abraçar a fé do pai era deixar o lar deles.

Assim sendo os indivíduos conseguem se apropriar da vida para só assim legitimar suas ações, suas práticas, resultantes das individualidades criativas, e apossando-se do sistema, tornam possível a relação entre poderes diferentes.

Através dessas “trajetórias indeterminadas”, expostas acima podemos percorrer o plano de análise proposto por Certeau, no seu livro *A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer*, de estudar as práticas cotidianas como operações feitas pelos indivíduos no momento da interação social. Então se ater a *Invenção do Cotidiano* é vislumbrar que as “artes de fazer” são provavelmente, o lugar primaz onde reina a criatividade e a liberdade. Se valendo dessa égide os protestantes areienses conseguiram ascender.

3.2. A igreja transumante

No início do século XX, a cidade de Areia passou a ser marcada pela presença de um corpo estranho em seu dia a dia, uma nova religiosidade que se introduzia em uma sociedade esmagadoramente católica. A primeira igreja protestante que nascera no seio dessa urbe, na segunda década do século passado, tinha como qualquer outra instituições próprias, sobretudo no que diz respeito aos modos como as pessoas deveriam viver, e visões do sagrado muito divergentes das adotadas pela grande maioria da população, o que acabou por ocasionar um “choque” de cultura e de cosmovisões de fé. Nesse contexto o congregacionalismo se desenvolve enquanto periférico e marginal.

A Igreja Congregacional nos primeiros anos de sua existência se limitou a zona rural, mas logo depois conseguiu se instalar na zona urbana. O seu crescimento só foi possível graças à ação planejada de seu líder, Júlio Leitão, bem como pelo envolvimento de seus seguidores, que sempre estiveram dispostos a resguardar e transmitir aos outros o que acreditavam. Os princípios dessa religião facilitava o envolvimento dos fiéis nos trabalhos da igreja.

Como a Reforma Protestante do século XVI ensinava o sacerdócio universal, isto é, todos os cristãos podem chegar até Deus, independente do sacerdote ou da igreja, a facilidade de se desenvolver uma liderança leiga foi muito grande. Foi assim que muitas igrejas protestantes se firmaram. Homem e mulheres mesmo sem ordenação pastoral, dedicavam-se ao trabalho de ensino dos crentes mais novos e ao convencimento de familiares e amigos que, por sua vez, ao se converterem, também se tornavam novos educadores e evangelizadores (SILVA, 2011, p. 189).

Desde a aquisição da primeira casa, onde funcionou inicialmente a igreja, na cidade, as fontes que analisamos bem como nossos entrevistados mostram que para a mesma se manter não foi tão fácil. Como já foi dito no capítulo 2 a aquisição dessa residência, por parte do

senhor Hologário, representou, sobretudo, uma maior estabilidade, pois com uma casa própria, e não alugada, segundo deixou registrado o Presbítero José Marques do Ó, eles não passavam pelo perigo de serem postos para fora pela influência das pregações do Frei Damião. Todavia, por motivos que não conhecemos eles tiveram que deixar a referida casa e passaram a procurar outro lugar para se instalarem. Baseando-se nas fontes observamos que por algum tempo os fiéis e a liderança da igreja procuraram um imóvel para alugar, ou comprar, mas sempre esbarravam no fato de ninguém querer ceder casa para eles.

Quanto a esse tema a senhora Francisca de Oliveira disse que a Igreja Congregacional foi de fato a primeira a se instalar em Areia, todavia o crescimento da mesma demorou porque não havia quem trabalhasse, pois o número de frequentadores era muito pequeno. De acordo com Serviço de Estatística Demográfica, Moral e Política, ligado ao Ministério da Justiça, no seu senso Estatístico do Culto Protestante do Brasil, de 1965, até o final desse ano a Congregacional possuía 48 membros, com 1 templo, enquanto a Assembleia de Deus, possuía 145 tendo também 1 edifício religioso. No entanto em 1966, as duas denominações passaram por um momento de evasão de público. O censo traz os seguintes dados: a Igreja Congregacional possuía 22 membros existentes até 31-12-1966, e a Assembleia de Deus tinha 73 membros. Para dona Francisca, o número de membros era o que não permitia o crescimento da denominação, pois poucas eram as pessoas que tinham para evangelizar, para levar sua fé a outros lugares do município, além do mais, “nenhum pregador queria morar em Areia, pois achava que era atrasada”. (OLIVEIRA, 2014) Diferente da Assembleia de Deus que, segundo ela, nesse momento já possuía um líder fixo e muitas pessoas que trabalhavam e faziam conhecido o nome da sua denominação.

Quando a igreja conseguiu se instalar na cidade a questão do número de fiéis sempre se mostrou como uma grande problemática. Até o ano de 1971 quando a denominação se organizou eclesiasticamente ela possuía apenas 23 membros. Mesmo assim tanto a senhora Francisca quanto o Presbítero José Marques do Ó, que deixou registrado esses fatos em um diário, dizem que foi no templo da Rua Manoel da Silva que a Igreja passou por um momento de desenvolvimento. Analisando os indícios percebemos que esse crescimento não estava necessariamente ligado ao aumento numérico dos fiéis, mas a estabilidade adquirida com a construção do primeiro templo nessa rua. Vejamos o que diz Francisca (2014) sobre como foi adquirido o terreno para a construção do templo.

Veio um senhor crente do mei do mundo, da banda de Campina, parece, e alugou uma casa, ali no mercado, não era ainda o mercado era uma rua, e ele

alugou uma casa, tinha um chão. Aí o senhor veio morar, alugou a casa, onde ele alugou a casa tinha um chão, aquele chão do mercado que pegou a nossa Igreja. Aí ele ajeitou uma casa, bonita, boa, e levou os crentes pra lá, naquele centrinho ali. O povo de Campina resolveu construir uma Igreja, e depois que abriu veio chegando gente, gente de Campina, aquelas caravanas e o trabalho foi se desenvolvendo. Depois de um tempo veio um evangelista que como não tinha onde ficar resolveu fazer uma casa por trás da Igreja (OLIVEIRA, 2014).

Foi então pelo empreendimento desse homem, que a senhora Francisca não lembrou o nome, que a construção do primeiro templo se tornou real, com a aquisição do terreno, onde atualmente funciona o mercado público de Areia. A construção da casa que ela fala foi outro marco, pois até então os pregadores que vinham de fora não tinham onde ficar, e, comumente ficavam em sua casa. Essa edificação se tornou um atrativo para os futuros pregadores que sempre esbarravam no empecilho de não ter um lugar pra ficar com seus familiares.

Além disso, dona Francisca (2014) nos contou que antes da liderança construir esse templo, eles haviam alugado uma casa na mesma rua “uma congregaçõzinha, eu ainda fui ali, traziam crente de fora, um povo rico pra lá, eu ainda assisti. Aí com duas semanas o povo bateram no bico (os donos da casa desistiram de alugá-la). A Igreja de cá foi pra lá, agente não tinha canto. Uma casinha ali a gente lutou tanto”. Através do seu depoimento vemos que a grande dificuldade que eles tiveram pra realizar seus cultos foi o fato de não possuírem um lugar fixo. Com um lugar próprio, com um templo construído, os membros perceberam que a partir de então, as coisas poderiam melhorar, pois teriam um problema a menos, a possibilidade de serem postos pra fora não existia mais. O Presbítero José Marques deixa registrado que no dia da solenidade de organização da Congregação em Igreja havia um grande número de congregados - pessoas que não são batizadas e que frequentam uma igreja sem o direito de participar das decisões - e muitos visitantes, o que pode nos mostrar que nessa época ela já possuía uma boa aceitação por parte da comunidade areiense.

Contudo, no ano de 1973, um fato abalou profundamente a estabilidade alcançada depois de muitas idas e vindas em busca de um lugar fixo para a edificação de um templo. Tudo teve início quando:

Dr. Elson, era prefeito, aí ele pediu pra comprar o chão da Igreja, aí o irmão Zé Marques disse “não, não se pode não é ordem lá de Campina é terreno nosso”, aí ele disse “mas eu sou prefeito eu quero o terreno que preciso”. O irmão Zé Marques avisou lá em Campina e nem ligaram, pois pensavam que ele não ia fazer nada (OLIVEIRA, 2014).

Assim “o ano de 1973, foi um ano cheio de grandes tribulações, de grandes lutas” (Do Ó, 1973). No dia 24 de julho desse ano a liderança da igreja foi convidada para comparecer ao gabinete do prefeito Elson da Cunha Lima, para conversar sobre os interesses que ele tinha em desapropriar o templo para construir o mercado público municipal. Foram realizadas várias conversas com o então prefeito para se negociar acerca do terreno. Em um desses entendimentos “quando as cabeças esquentavam, nós partimos para um acordo com o prefeito e este, falou que nos daria Cr\$ 9.000,00 (nove mil cruzeiros), nos daria o material velho do templo, nos daria o pessoal para a demolição, nos prometendo que o trabalho de demolição seria feito por pessoas cuidadosas” (Ibid, 1973). Feito o acordo, o prefeito começou a pressionar a liderança para conseguir logo uma casa, pois iria derrubar o templo. Segundo José Marques do Ó eles foram atrás de uma casa para comprar e conseguiram, entretanto ela ainda ficaria ocupada por alguns dias por “uma fábrica de fubá” (OLIVEIRA, 2014). Nesse ínterim, quando eles esperavam a casa ser desocupada, o representante do poder executivo municipal mandou demolir o templo.

Meu filho quando foi um dia ele aproveitou, que irmão Zé Marques não tava, pegou um trator da prefeitura encheu de empregado e disse “vamos butar essa Igreja abaixo”, já Igreja mermo. Era tudo tão bonitinho, arrumadinho. Meu filho, o prefeito chegou botou os empregados pra colocar a Igreja abaixo. Aí eu soube dá notícia pelo irmão Ernandis que me disse “irmã o prefeito tá colocando a Igreja abaixo”, e o que eu podia fazer? Quando eu cheguei lá o muro tava derrubado, mandou descobrir a Igreja, telhas quebradas, portas arrancadas colocou os paus tudo no chão, tudo. Ohh luta, foi a luta que eu passei em minha vida de crente (Ibid, 2014).

Essa atitude do prefeito chocou toda a igreja, pois ele havia prometido que tiraria tudo com cuidado, mas segundo a nossa colaboradora eles só conseguiram salvar alguns móveis por que o senhor que estava responsável por demolir o templo, que fazia parte da igreja, foi avisar aos outros membros, os quais conseguiram salvar alguns móveis a tempo. “Nós, porém, sofremos tudo de cabeça baixa, sem dizer palavra alguma, fomos espesinhados, fomos perseguidos, fomos humilhados, tudo por amor” (Do Ó, 1973).

Para o Presbítero José Marques do Ó e para dona Francisca, essas coisas só aconteceram por que eles não tinham um pastor que tomasse as rédeas da situação e lutasse legalmente em favor da Igreja. De acordo com as nossas fontes, depois de Júlio Leitão, a igreja só teve um pastor efetivo na década de 90 do século XX.

Assim sendo, coube aos nossos entrevistados, a função de lembrar, enquanto fontes orais, enriquecendo esta pesquisa com os seus relatos de memórias. Como memória da

instituição que se forjou no século XX, ela é repleta de ideias individuais hodiernas, desenvolvidas a partir das visões de mundo, culturais, religiosas, ideológicas situadas em um espaço social onde os sujeitos se movimentam.

O ritmo da vida continua, mas com outros valores. Os sons seguem sendo uma constante para os habitantes de Areia. Essa cidade acorda no final do século XX sob o auspício da pluralidade religiosa, pois todas as experiências políticas, sociais, culturais e etc. não conseguiram afastar a influência da fé. Pessoas passaram, lugares foram construídos e destruídos, estratégias foram fomentadas, práticas desempenharam seus papéis, restando-nos agora apenas a lembrança, do que aconteceu, trazendo a luz um passado que o tempo não tem nenhuma condição de extinguir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos tempos o conceito de “história” foi firmado sob a batuta dos detentores do poder, como resultado a maior parte dos registros históricos são marcados pelos discursos dos vencedores. Nesse contexto as guerras, as revoltas, as famílias poderosas, os sobrados, as ruas, tomam forma de monumentos que devem ser lembrados, protegidos e tombados para não caírem no ostracismo. Uma boa parte dessa historiografia foi produzida até o alvorecer do século XX norteadas pela memória dos grandes feitos, dos heróis e guerras, enaltecendo sempre as instituições e os documentos oficiais, com os olhos voltados a um passado de glórias.

Esse ideário, comumente vinculado aos estudos positivistas, acabou criando uma série de posicionamentos diante das ações históricas, acreditando que as mesmas seguiam sempre para uma escalada de sucesso. Todas essas concepções, de uma alta cultura, de homens seletos, de indivíduos ímpares, nortearam também produções historiográficas feitas por pesquisadores que estiveram ligados as suas denominações religiosas.

Todavia já captamos alguns sinais alentadores, pois os estudos históricos tem-se tornado mais rigorosos, os discursos demagógicos e populistas bem como os esquemas teleológicos estão sendo superados, isso, sobretudo, porque essas narrativas não tem condições de contemplar certos meandros que estão por trás dos acontecimentos. Assim, atualmente, já é possível enxergarmos outras dimensões dentro das narrativas históricas, encontrando assim os sujeitos que anteriormente foram marginalizados e perceber em meio ao mar dos registros produzidos pelos “homens ilustres”, outros que também foram e são agentes de suas histórias e que depositaram suas contribuições à compreensão do passado.

O cotidiano se tornou alvo de pesquisas, graças a essas conquistas. Os fazeres cotidianos, ou a lógica dos saberes tecidos nos cotidianos ou por eles acionados, se tornaram paulatinamente fontes para as produções historiográficas. Nesse contexto a Invenção do Cotidiano, obra de Michel de Certeau, mostra-se como uma produção que acaba por superar a mesmice do que foi produzido por muito tempo. Assim agora é possível através das práticas cotidianas de habitar, de ler, conversar, cozinhar, as “maneiras de falar”, “as maneiras de caminhar”, observar os modos como os indivíduos seduzem, persuadem e refutam.

Nessa perspectiva ressaltamos que a cidade de Areia, tanto no que diz respeito a seu aspecto material quanto no cultural expressado através das práticas habituais, ganhou espaço como local de convivência onde as relações cotidianas se construíram sob a tutela da Igreja

Católica que forjava em seus cidadãos o sentimento de pertença a esse espaço religioso. Assim foi criado todo um aparato técnico opondo-se a outra prática religiosa que ameaçasse a manutenção da ordem até então vigente.

Sendo assim, acreditamos que a chegada da Igreja Congregacional na cidade de Areia tenha representado um forte impacto no seu contexto religioso, quebrando sensivelmente o monopólio católico e assim estabelecendo no campo de fé areiense uma relação de menosprezo ocasionando o surgimento de espaços de conflitos.

Nesse sentido, percebemos através dos nossos colaboradores e das outras fontes usadas nessa pesquisa, que o universo religioso areiense na segunda década do século XX foi definido pela adoção de práticas e valores que se opunham e se negavam, evidenciando uma preocupação por parte dos católicos em limitar os espaços que poderiam ser ocupados pelos congregacionais, e esses por sua vez se valeram de “práticas” individuais para legitimar seus espaços ou para se desvencilhar das amarras da influência romana. Os adeptos dessa fé não foram elementos passivos na expressão de sua religiosidade, ora conformando-se e resistindo eles mesmos construíram “trajetórias” repletas de “criações anônimas”, de desvios, de burlas, de uma antidiciplina que não é indeterminada, mas insuspeitável, dentro dos limites morais, éticos e religiosos impostos. Através dessa “liberdade gazeteira das práticas” os não conformados mobilizaram, resistiram ante a dita influência de outra religiosidade.

Ao longo de nossa escrita apresentamos a cidade católica, subserviente as regras institucionalizadas pela religião, pelo o “lugar de poder”, por isso podemos dizer que o primeiro capítulo que discute isso mostra o lugar das “estratégias”, já que a mesma foi organizada por um poder. Discutimos também acerca das “táticas” utilizadas pelos protestantes de Areia, a partir dos relatos dos nossos entrevistados, como eles conseguiram sobreviver em um contexto de “estratégias” impostas, que além de influenciar as trajetórias da Igreja Congregacional nessa cidade também se tornaram parte integrante da sua historicidade. Diríamos então que os capítulos que se atem a esse aspecto trazem a luz as “táticas”, fabricadas no improviso, caracterizada, sobretudo, pela “ausência de poder”.

O nosso trabalho foi uma verdadeira caça as fontes, na busca por compreendermos a nossa problemática. Nessa empreitada passamos por caminhos sinuosos, entretanto foi muito salutar ouvir as “vozes do passado”, as histórias, os dramas pessoais vividos por esses fiéis, que seguiram “trilhas ilegíveis”. Aqui deixamos registrado o nosso apreço a todos que resistem, aqueles que fazem ou fizeram parte e corroboram com a “invenção do cotidiano”.

FONTES E BIBLIOGRAFIAS

1. Bibliografia

ALBERT, Verena. “**Fontes Oraís: história dentro da história**”. In.: Fontes Históricas/ Carla Bassanezi Pinsk (org.). São Paulo: Contexto, 2005.

ALBUQUERQUE, Aurélio de. **Passagens, pessoas e cidades**. João Pessoa: GGS – Gráfica, 1981.

ALMEIDA, Horácio de. **Brejo de Areia: Memórias de um município**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura – Serviço de Documentação, 1957.

ALMEIDA, José Américo de. **Memórias: Antes que me esqueça**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

ALMEIDA, Zélia. **Bem-estar e riqueza no Brejo de Areia**. João Pessoa: Ideia, 2010.

BARROS, José D’ Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê, 2003.

CELSO, Mariz. **Uma monografia de Areia**. João Pessoa: [s.n.], 1956.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 1982.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CÉSAR, Salustino Pereira. **O Congregacionalismo no Brasil: fatos e feitos históricos**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1983.

COELHO, Newton Marinho. **Na intimidade do brejo de Areia**. João Pessoa: A União, 2001.

ELIAS, Geraldo Máximo. **Zé Joca: sua história e suas memórias em versos**. Campina Grande – PB: Editora Gráfica Havel, 2003.

FORSYTH, William B. **Jornada no império: Vida e obra do Dr. Kalley no Brasil**. São José dos Campos – SP: Editora Fiel, 2006.

GAUDÊNCIO, Francisco Sales. **Joaquim da Silva: um empresário ilustrado do Império**. Bauru, SP: Edusc, 2007.

LEAL, José. **Itinerário Histórico da Paraíba**. Paraíba: A União, 1989.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **O Celeste Porvir: A Inserção do Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Editora Universitária de São Paulo, 2008.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa; FILHO, Prócoro Velasques. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1990. 279 p.

MICELI, Paulo. **O Feudalismo**. Coleção Discutindo a História. Campinas: UNICAMP, 1986.

PEREIRA, Joacil de Brito. **José Américo: a saga de uma vida**. Brasília: Instituto Nacional do Livro; Senado Federal, 1987.

REIS, José Carlos. **História e Teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade**. 3. ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa – Tomo III**. Campinas: Papyrus, 1997.

RODRIGUES, Zuleide Ribeiro. **Hercílio Rodrigues: seu mundo e sua gente**. Natal: Central de Cópias, 1998.

SANTOS, Edwiges Rosa dos. **O jornal imprensa evangélica**. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie.

SANTOS, Geraldo Batista dos. **Sesquicentenário do Congregacionalismo Brasileiro**. João Pessoa: JRC, 2006.

SANTOS, Lyndon de Araújo. **“Os sentidos da árvore e da democracia: uma história dos congregacionais no Brasil”**. In.: Fiel é a Palavra: Leituras históricas dos evangélicos protestantes no Brasil/ Elizabete da Silva, Vasni de Almeida (orgs.). Feira de Santana: UEFS Editora, 2011, p.125-174.

SILVA, José Bonifácio de Souza e. **O pendão real: esboço histórico da “Igreja Evangélica de Monte Alegre”**. Recife: Ed. do autor, 2012.

TORRES, Francisco Tancredo. **Paróquia e Pároco: 40 anos**. Paraíba: Departamento de Produção Gráfica – SEC/PB, 1990.

2. Fontes Oraís.

OLIVEIRA, Francisca de. **Entrevista concedida a Allann Bruno da Silva Souza**. 10 de jan. de 2014.

SILVA, Valdecir Batista da. **Entrevista concedida a Allann Bruno da Silva Souza**. Areia. 15 de set. de 2013.

3. Jornais.

Aliança Congregacional (Órgão Oficial das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil)
mar. e jun. de 2003 à 2011.

Jornal Monte da Benção dez. de 2003.

O Areiense de 1980 à 1984.

4. Dissertações

BARBOSA, Daniel Ely Silva. **Práticas Musicais nos Espaços Religiosos: o Protestantismo Histórico em Campina Grande**. Campina Grande, 2009.

FREITAS JÚNIOR, Cleófas Lima Alves de. **As práticas e representações femininas no protestantismo de Campina Grande: a igreja evangélica congregacional (1927-1960)**. João Pessoa, 2010.

ANEXOS



Presbítero José Marques do Ó
Fonte: Diário de José Marques do Ó



Reverendo Júlio Leitão
Fonte: Diário de José Marques do Ó



Templo que a prefeitura indenizou
Fonte: Diário de José Marques do Ó



Templo comprado com a indenização
Fonte: Diário de José Marques do Ó



Francisca de Oliveira (quando jovem)
Fonte: Diário de José Marques do Ó



Olegário Ribeiro de Brito
Fonte: Diário de José Marques do Ó